



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

GABRIELLEN DE OLIVEIRA MARQUES

**MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: Um podcast em formato de
reportagem sobre a atuação feminina na cobertura futebolística**

PORTO ALEGRE

2023

GABRIELLEN DE OLIVEIRA MARQUES

**MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO: Um podcast em formato de
reportagem sobre a atuação feminina na cobertura futebolística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro Universitário Ritter dos Reis – Uniritter
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Villar Belmonte

PORTO ALEGRE

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho a minha avó que esteve ao meu lado desde o dia em que entrei na faculdade. Seu apoio, amor e incentivo foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui.

Quero agradecer aos professores que, com muita paciência e dedicação, me ajudaram na elaboração deste trabalho. Gratidão aos meus orientadores Carlos Viana e Roberto Belmonte porque sem a colaboração de vocês, este TCC não seria possível.

Agradeço ainda aos amigos que estiveram ao meu lado compartilhando alegrias e me proporcionando momentos de descontração e lazer.

Por fim, agradeço ao meu filho, meu companheiro, meus tios, minha irmã e os meus pais, que me ensinaram a importância da disciplina, do esforço e da dedicação. Sem vocês, este trabalho não seria tão especial e gratificante como foi.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é construir um podcast aplicando uma metodologia de entrevistas com jornalistas gaúchas que tenham relação com o meio futebolístico.

Falar sobre a representatividade da mulher no jornalismo esportivo, visando compreender a participação, presença e visibilidade das mulheres nesse setor específico da mídia, como a cobertura de eventos esportivos, a presença em programas de televisão e rádio, a redação de matérias e reportagens esportivas, entre outros, entrando também nas questões de discriminação de gênero e as dificuldades que elas enfrentam.

O objetivo de produzir o podcast é contribuir na conscientização sobre a importância da representatividade de gênero no jornalismo esportivo, assim como incentivar uma maior inclusão e igualdade de oportunidades para as mulheres nesse campo profissional. Nomes como Débora de Oliveira, Renata de Medeiros e Eduarda Streb aparecem no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo esportivo, mulheres, Rio Grande do Sul, machismo, preconceito, podcast, representatividade.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Jornalistas entrevistadas para a realização da reportagem.....	18
Quadro 2 – Principais perguntas feitas para as jornalistas.....	19
Quadro 3 – Roteiro de reportagem	27

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Áudios da jornalista Débora de Oliveira.....	21
Figura 2 – Áudios da jornalista Eduarda Streb.....	22
Figura 3 – Áudios da jornalista Mylena Acosta.....	23
Figura 4 – Áudios da jornalista Esther Fischborn.....	24
Figura 5 – Áudios da jornalista Renata de Medeiros.....	25
Figura 6 – Áudios da jornalista Valéria Possamai.....	26
Figura 7 – Capa da reportagem.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO.....	10
2.1 Pressões e preconceitos.....	12
2.2 Falta de oportunidades.....	13
3 PODCAST.....	15
3.1 O jornalismo e o podcast.....	16
4 MÉTODOS E TÉCNICAS.....	18
5 PRODUTO E PROCESSO.....	20
5.1 Descrição do produto.....	20
5.2 Descrição do processo.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS.....	56

INTRODUÇÃO

O meio do jornalismo esportivo que foi historicamente dominado por vozes masculinas, tem passado por transformações significativas nas últimas décadas. Nesse contexto de evolução, destaca-se a presença feminina nesse universo em que as jornalistas mulheres estão ganhando espaço e oportunidades para cobrir grandes eventos como Copa do Mundo, Libertadores e Olimpíadas, por exemplo. Essa evolução é um reflexo do progresso em direção à igualdade de gênero nesse meio.

Este trabalho tem como foco a compreensão do papel da mulher no jornalismo esportivo, explorando sua trajetória, desafios enfrentados e contribuições para a pluralidade nesse setor. É inegável o progresso que tem sido alcançado, à medida que jornalistas esportivas desafiam as expectativas e redefinem o cenário.

Para o desenvolvimento deste trabalho tornou-se necessário entrevistar jornalistas que ganharam destaque e algumas que estão entrando no cenário futebolístico, para alcançar uma compreensão mais ampla e autêntica das experiências vividas por elas nesse universo.

As opiniões e relatos em geral, são muito parecidas, revelando um padrão resiliente de superação, onde o preconceito é uma realidade enfrentada, mas não um obstáculo insuperável, onde só o trabalho, a competência, a seriedade e a capacidade de transformar a essência feminina no diferencial podem superar a resistência e construir um futuro em que a discriminação seja lembrada como exemplo e que a presença feminina no jornalismo esportivo seja vista com a naturalidade por todos. Para essas jornalistas, o trabalho que realizam agora é capaz de criar a credibilidade necessária para extinguir o preconceito.

É muito importante falar sobre o desafio de jornalistas mulheres que ainda lutam por espaço e oportunidades no meio esportivo. É preciso lembrar e destacar que merecemos respeito e reconhecimento.

Essa história machista de que mulher e futebol não combinam precisa acabar, pois somos o que quisermos ser, queremos exercer o nosso trabalho com merecimento e o devido respeito, sem piadas, sem xingamentos, sem dúvidas, sem assédios e desrespeito.

Embora esses casos na mídia esportiva sejam inúmeros, dentro e fora do Brasil, eles são apenas um espelho do que é a sociedade e o que ela criou. Para combater o assédio e o machismo, é preciso que as mulheres ocupem cada vez mais

espaço no mundo do futebol e não se calem diante de agressões. A presença feminina nas emissoras e nos estádios deve ser incentivada e respeitada para que aumente cada vez mais.

Combater essa violência no jornalismo esportivo, acabar e dar limite às piadas e brincadeiras de mau gosto é necessário para que as mulheres que tentam ocupar um espaço que é reservado aos homens consigam exercer o seu trabalho com tranquilidade.

Atualmente, mesmo com algumas jornalistas alcançando posições importantes como apresentadoras e comentaristas, o número em relação ao sexo masculino é inferior. Isso precisa mudar. De acordo com a Unesco, apenas 12% dos programas esportivos são apresentados por mulheres. Em 2016, a Gênero e Número avaliou colunas esportivas dos dez jornais de maior circulação dos estados brasileiros e dos líderes de audiência.

Mulheres como Renata Fan, Alice Bastos Neves, Tatiana Mantovani entre outras que chegaram a lugares de visibilidade como apresentadoras e repórteres fora do Brasil nos inspiram a lutar e buscar esse sonho, que já deixou de tornar-se impossível.

É preciso falar sobre esse assunto, essa discussão é muito importante e relevante para mudar e impactar realidades, melhorar situações e transformar em resultados. As consequências que esse assunto traz pode ser muito positiva.

2 MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

Esse capítulo apresenta fundamentação teórica base passando pelos temas dentro do jornalismo esportivo, como a trajetória da mulher gaúcha trabalhando nessa área, as dificuldades encontradas, e a evolução com o passar do tempo.

Ao longo da história, a falta de representatividade feminina no jornalismo esportivo é um reflexo da desigualdade de gênero presente em nossa sociedade. A presença das mulheres no esporte foi historicamente invisibilizada, e isso se reflete na cobertura jornalística. As mulheres são frequentemente retratadas de forma estereotipada e objetificada, em contraste com os homens, que são vistos como atletas profissionais

Entre as décadas de 60 e 70, com os movimentos de luta pela emancipação da mulher, elas foram conquistando cada vez mais espaços, até mesmo em ambientes considerados masculinos, ainda que de forma lenta. Elas, além de personagens de reportagens, assumiram umas das mais importantes estruturas do poder a mídia, fazendo jornalismo e ajudando a construir uma nova realidade social conjuntamente com os homens (Habib, 2006).

De acordo com Barbeiro e Habib em "jornalista: Profissão mulher (2005)", com o passar dos anos e diante de todos os pleitos, as mulheres deixaram de ser pauta e passaram a produzir a notícia.

As mulheres avançaram em estruturas sociais que eram exclusivamente de homens e passaram a dividir com eles a responsabilidade da construção da sociedade. Deixaram de ser objeto de mídia como diz Baudrillard: 'A ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos valores de uso do corpo (energético, gestual e sexual), ao único valor de permuta funcional que na sua abstração, resume por si só a ideia de corpo glorioso e realizado'. Tornaram-se senhoras da história e ocuparam uma das estruturas mais importantes do poder que é a mídia. Não mais apenas como personagens das reportagens, mas como realizadoras do jornalismo. (Barbeiro, e Habib, 2005, p. 13).

Ainda há um longo caminho a percorrer para que a participação feminina no jornalismo esportivo seja plenamente reconhecida e valorizada, mas é importante destacar o progresso que vem sendo feito nesse sentido.

Destacando os desafios que jornalistas gaúchas enfrentam, já que se trata de um estado onde o futebol é uma paixão com rivalidade intensa e onde há uma cultura machista arraigada, são muitos os nomes de jornalistas que vem ganhando espaço e

já enfrentaram desafios significativos no ambiente de trabalho, incluindo preconceitos e assédio.

Segundo Machado (2020), as jornalistas esportivas do Rio Grande do Sul frequentemente são alvo de comentários sexistas e de discriminação de gênero no local de trabalho, o que afeta sua capacidade de realizar seu trabalho de forma plena e igualitária.

Apesar dos desafios, é importante destacar as conquistas das mulheres jornalistas esportivas gaúchas, que têm lutado por mais espaço e representatividade no meio. Segundo Carvalho (2020), a presença de mulheres na cobertura esportiva tem crescido nos últimos anos, especialmente com a popularização das redes sociais. As jornalistas estão utilizando plataformas como Twitter, Instagram, YouTube e até mesmo podcasts para criar seu próprio conteúdo e ampliar seu alcance.

Com a evolução da internet, novas ferramentas de comunicação online foram criadas, surgindo assim uma maior presença do jornalismo esportivo nas redes sociais. Segundo Teixeira (2002), o jornalismo chega à internet como uma nova forma de apresentar as notícias, e a tecnologia da internet começa a ir muito além de apenas colocar a notícia em outro meio de comunicação.

O jornalista já passou por diversas mudanças tecnológicas em sua carreira. É uma profissão dinâmica e em constante transformação. É só parar e pensar que há pouco menos de uma década, as máquinas de escrever ainda faziam parte das redações. Ao longo do tempo, a história do jornalismo foi aposentando aparelhos como o telégrafo, a máquina de escrever, o telefone analógico com tom discado e o radinho de pilha com fitas K-7. E o momento agora é da internet, que chega possibilitando tudo em uma mesma ferramenta, como som, vídeo e rapidez, possibilitando excelentes recursos para as mais diversas atividades na rede. (Teixeira, 2002, p. 67).

A internet se tornou um ótimo campo para renovação e prática do jornalismo, oferecendo notícias rápidas, com imagem, som e texto. Os diversos meios de postar conteúdos só aumentam e trazem mais possibilidades nos dias de hoje, além do Twitter, Instagram, Youtube e podcasts, existem uma infinidade de possibilidades na internet, como o Facebook e outros aplicativos disponibilizados de forma gratuita.

Nos dias de hoje, as redes sociais podem contribuir com o jornalismo, já que servem de divulgação e acesso a informações. Para Recuero (2009b, p. 12), “essas redes podem atuar de forma próxima ao jornalismo, complementando suas funções”, e ser designadas como fontes produtoras, filtros ou espaços de reflexão, no que se refere às informações, destacando que “através das redes sociais, é possível

encontrar especialistas que podem auxiliar na construção de pautas, bem como informações em primeira mão”. (Recuero, 2009b, p.8).

2.1. Pressões e preconceitos

Jornalistas esportivas mulheres na maioria das vezes enfrentam uma série de pressões e preconceitos em sua profissão, como aborda Martins, M. (2017) sobre a discriminação de gênero e as dificuldades que as jornalistas esportivas passam em um ambiente masculino.

Discriminação de gênero, assédio sexual, falta de oportunidades e a diferenciação no salário em relação aos homens são só alguns dos exemplos.

Segundo pesquisa realizada pela jornalista Renata Cardoso Nassar, em seu trabalho de conclusão de curso (TCC) “O assédio no jornalismo esportivo: o cotidiano das jornalistas e o machismo praticado pela imprensa”, 96,55% das profissionais entrevistadas afirmam que o preconceito é uma realidade entre as mulheres que atuam na área. Do total, 86,65% contam já terem sofrido preconceito em algum momento da carreira, sendo o assédio o principal tipo de constrangimento (38,46%).

As mulheres no jornalismo esportivo são alvo também de assédio e abuso online, e além disso, existem outros problemas como a questão salarial por exemplo, onde recebem menos do que seus colegas homens para fazer o mesmo trabalho.

A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) realiza anualmente o "Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil", que traz dados sobre a violência e a repressão contra jornalistas em geral no país. Embora não haja dados específicos sobre o jornalismo esportivo, a FENAJ alertou que o aumento da violência contra jornalistas afeta a cobertura jornalística em todas as áreas, incluindo o esporte, e pode prejudicar o acesso da sociedade à informação livre e plural.

Coelho (2003) destaca que quando vemos uma mulher que entende de futebol é possível perceber que o nível de conhecimento dela acerca do tema é maior do que os homens, mas o fato é que mesmo com o aumento da inserção da mulher na imprensa esportiva, ela ainda sofre alguns preconceitos, e por isso são encaminhadas para cobertura de esportes mais fáceis como cita Paulo Vinícius Coelho:

O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Território onde o machismo ainda impera. (Coelho, 2003, p.35).

O estado do Rio Grande do Sul é mais um com diversos casos de preconceitos sofridos por jornalistas mulheres no meio esportivo, como é o caso do jornalista Eduardo Bueno, mais conhecido como “Peninha” que em abril de 2018 falou com a jornalista Eduarda Streb, depois que ela fez um comentário no programa Sala de Redação, da Rádio Gaúcha, ressaltando que ela deveria estar na cozinha. “O que essa mulher está fazendo aqui?”.

Esse é apenas mais um exemplo de que manifestações de machismo começam dentro das próprias empresas de comunicação, através de colegas de trabalho.

Muitas vezes as mulheres são vistas como quem não sabe opinar sobre o assunto, principalmente o futebol, que tem raízes masculinizadas.

A dificuldade do exercício da profissão por jornalistas mulheres, principalmente no cenário esportivo é recorrente. Tentativa de beijo ao vivo, piadas, xingamentos e até mesmo comentários de redes sociais, fazem parte da realidade de trabalho de diversas profissionais do jornalismo no Brasil e no mundo.

Outro caso no estado do Rio Grande do Sul ocorreu com a repórter Renata de Medeiros, quando cobria a partida entre Grêmio e Inter para a Rádio Gaúcha em 2018, e foi agredida fisicamente por um torcedor do Internacional.

Esses casos junto de outros, levaram a criação do movimento #DeixaElaTrabalhar, onde 52 jornalistas que trabalham com esporte, lançaram manifesto em defesa do trabalho das mulheres no mesmo ano. A iniciativa foi de apresentadoras, repórteres, produtoras e assessoras de vários veículos e emissoras, com objetivo de lutar contra o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações.

2.2 Falta de oportunidades

O ingresso da mulher no jornalismo foi tardio. No Brasil, somente em 1920 que são encontrados os primeiros dados de mulheres trabalhando como jornalistas, praticamente 100 anos depois do início da imprensa brasileira, sendo que nesses poucos casos as mulheres atuavam majoritariamente em suplementos femininos.

Hamilton Ribeiro relata como eram os ambientes da imprensa brasileira em antigamente até as mulheres se inserirem nessa categoria profissional.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia.

À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço (Ribeiro 1998, 31).

Se a inserção da mulher no jornalismo foi tardia, podemos afirmar que no meio esportivo foi ainda mais. De acordo com Regina Ramos (2010, p. 238), Maria Helena Rangel (cujo registro profissional data 1948) é considerada a primeira jornalista mulher do segmento esportivo brasileiro. E conforme o Museu do Futebol (2016), as primeiras mulheres a se destacarem nessa área na televisão brasileira foram Claudete Troiano e Luciana Mariano, que atuaram como narradoras nos anos de 1980.

O jornalismo esportivo foi durante anos comandado somente por homens. Segundo Calazans (2011), Regiani Ritter foi pioneira ao estreiar como repórter esportiva do rádio brasileiro e marcou a história como primeira narradora como âncora na cobertura da Copa do Mundo de 1994.

De acordo com Coelho (2003), estima-se que 10% das redações esportivas do país sejam compostas por mulheres, e isso há 14 anos. Apesar de não haver uma pesquisa definitiva mais atual, a percepção é de que este número não sofreu mudanças significativas.

A luta da mulher pra entrar nesse mercado hoje vem ganhando cada vez mais força, pois antes no jornalismo esportivo, a presença de mulheres trabalhando com cobertura esportiva era muito rara (Coelho, 2003).

Nos últimos anos vemos as mulheres alcançando maiores posições nesse meio. O preconceito e o machismo ainda existem, e é isso que esse trabalho aborda.

As mulheres lutam contra o preconceito no jornalismo esportivo todos os dias, onde são colocadas como inferiores em comparação aos homens, por isso, existem muitas dificuldades a enfrentar nessa profissão, principalmente o assédio que está presente durante o dia a dia, ou o simples fato de ter que provar saber o que significa um “impedimento” no futebol.

Desde pequenas as mulheres são condicionadas a pensar que o futebol não é um ambiente para meninas e somos ensinadas a buscar outras áreas para nossa profissão, mas... Essa realidade está mudando atualmente? As mulheres ainda são subestimadas no meio do jornalismo esportivo e do futebol? Como elas vem conquistando espaço nesse meio nos últimos anos?

3 PODCAST

Um podcast é uma forma de mídia digital com um ou mais episódios de áudio. Os podcasts são geralmente criados por uma pessoa, duplas, grupos, empresas ou por estudantes que discutem vários assuntos e contam histórias seja entretenimento, educação, tecnologia, cultura, esportes e outros.

O podcasting como uma forma popular de distribuição de conteúdo de áudio pela internet teve início nos anos 2000.

Quando Adam Curry desenvolveu uma forma de transferir o áudio disponibilizado através do RSS para o agregador iTunes a partir de um script de Kevin Marks. Essa forma de transferir o áudio criada por Curry foi chamada de Rsstoipod (já que o agregador iTunes é utilizado para sincronizar arquivos de áudio do computador com o iPod) e foi disponibilizada para que outros programadores a utilizassem livremente. A partir daí vários outros agregadores começaram a fazer o download automatizado de arquivos de áudio. Esse sistema foi denominado podcasting (ASSIS e LUIZ, 2010)

Como afirmam Assis e Luiz, (2010) quando Adam Curry desenvolveu a forma de transferir áudio via RSS para o iTunes, criando o Rsstoipod, vários agregadores começaram a realizar downloads automatizados de arquivos de áudio, originando o sistema denominado podcasting.

É interessante observar como os podcasters e ouvintes criam classificações informais para os programas de podcast, com base nos modelos recorrentes entre os programas mais populares. Essas classificações podem ajudar a categorizar os diferentes tipos de conteúdo disponíveis no mundo dos podcasts e a identificar os estilos e formatos que atraem diferentes públicos como conversas descontraídas ou mesa-redonda, conversa de bar, diálogo, monólogo, musical, notícias... Essas classificações podem ajudar os ouvintes a encontrar podcasts que se alinham com seus interesses e preferências.

Ouvir um podcast pode ser interessante por diversas razões, a popularidade desse meio de comunicação tem crescido significativamente nos últimos anos. A variedade de conteúdo pode ser uma das razões pelas quais muitas pessoas têm se interessado por podcasts. Exemplos são a flexibilidade do formato de podcast que permite que os criadores de conteúdo explorem diferentes temas, atendendo aos interesses de diferentes audiências. A variedade de formatos e estilos são inúmeros. De acordo com Bianco (2004), as novas ferramentas digitais transformaram o cenário

de várias maneiras, apresentando desafios e oportunidades únicas para os profissionais. O impacto dessas mudanças continua a evoluir à medida que a tecnologia avança.

Sem dúvida, as novas ferramentas digitais colaboram para reestruturar o exercício da profissão, a produção industrial da notícia, as relações entre as empresas de comunicação com as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo e a sociedade. Trazem, portanto, implicações de ordem técnica, ética, jurídica e profissional para o jornalismo. (BIANCO, 2004, p. 1)

3.1 O jornalismo e o podcast

O jornalismo e o podcast estão relacionados de vários modos e a relação entre eles tem se desenvolvido à medida que os podcasts ganham popularidade.

Existem diversos tipos e formatos de podcast e a relação com o jornalismo pode estar quando notícias e reportagens, sejam elas investigativas ou não, entrevistam especialistas por exemplo, trazendo conversas que podem ter informações mais detalhadas. Essa nova forma de fazer reportagens e abordar assuntos permite que jornalistas alcancem públicos que muitas vezes não consomem notícias por meio dos meios de comunicação tradicionais e essa plataforma independente dá mais controle sobre o conteúdo e a narrativa, sem dependerem inteiramente das estruturas editoriais tradicionais. Os podcasts oferecem aos jornalistas uma nova maneira de contar histórias, envolver a audiência e explorar tópicos de maneiras mais profundas e interativas. Essa relação continua a evoluir à medida que a mídia digital se expande e as preferências do público se transformam.

Nos dias de hoje no meio da comunicação, que é marcado pela tecnologia e diversos avanços, o papel do jornalismo vem se reinventando. Uma das formas mais notáveis dessa transformação é o crescimento dos podcasts como meio de informação e entretenimento. A relação entre o jornalismo e o podcast está presente neste trabalho mostrando como essa plataforma pode ser um meio de consumir notícias e reportagens.

Jornalistas estão utilizando essa plataforma cada vez mais para disseminar informações, conectar-se com diferentes públicos e desafiar as convenções estabelecidas do jornalismo tradicional. Os podcasts podem influenciar a narrativa jornalística, afetando não apenas a forma como as notícias são apresentadas, mas também o modo como o público as absorve. Os podcasts vem enriquecendo e diversificando a narrativa jornalística na era digital.

No contexto brasileiro, há vários profissionais que têm se destacado na produção de podcasts jornalísticos.

O jornalista Reinaldo Azevedo que apresenta o programa “Olha Aqui!” que também estreou em formato podcast, junto com a apresentadora Fabíola Cidral, analisa temas de política e economia do dia no Brasil e no mundo. Ele é conhecido por sua análise crítica e participação ativa no debate público. (Azevedo, 2023).

Mônica Bergamo, renomada jornalista brasileira, também contribui para a mídia digital com seu podcast "Mônica Bergamo" (Bergamo, 2023).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS

O presente trabalho de conclusão de curso tem como seu problema de pesquisa a seguinte pergunta: Quais dificuldades que as mulheres enfrentam como jornalistas no meio futebolístico?

A partir do problema de pesquisa, ficou definido entrevistar jornalistas gaúchas que tenham relação com o meio futebolístico, a partir daí foram elaboradas perguntas e começaram as buscas por contatos. Todas jornalistas, exceto uma, foram chamadas pelo direct do Instagram e conforme elas iam aceitando ser entrevistadas, as perguntas iam sendo enviadas. Algumas me passaram o número do Whatsapp, outras iam respondendo pelo próprio Instagram. Todas responderam por áudio por se tratar de uma reportagem sonora.

Quadro 1 – Jornalistas entrevistadas para a realização da reportagem:

Nome	Identificação	Data da entrevista	Local da entrevista
Débora de Oliveira	Jornalista	19/10/2023	Instagram
Mylena Acosta	Jornalista	19/10/2023	Whatsapp
Eduarda Streb	Jornalista	20/10/2023	Instagram
Esther Fischborn	Jornalista	20/10/2023	Whatsapp
Renata de Medeiros	Jornalista	23/10/2023	Whatsapp
Valéria Possamai	Jornalista	14/11/2023	Whatsapp

Fonte: Dados da pesquisa

A escolha das jornalistas que aparecem na reportagem ficou definido após inúmeras tentativas de contatos com diversas jornalistas gaúchas. Os nomes que aparecem na tabela, são os que obtive retorno, já que grande parte não respondeu.

Quadro 2 – Principais perguntas feitas para as jornalistas:

Perguntas
-Como iniciou no jornalismo? -Principais mudanças que se vê no meio esportivo, como a representatividade da mulher aumentando? -Quais desafios enfrentados durante o exercício da profissão? -Qual a importância de movimentos contra o preconceito, assédio e machismo contra jornalistas mulheres? -Quais dicas para quem quer seguir carreira no jornalismo esportivo?

Fonte: Dados da pesquisa

O objetivo das entrevistas era que cada jornalista falasse da sua experiência no meio futebolístico, focando no problema de pesquisa que são as dificuldades enfrentadas durante o exercício do seu trabalho. Algumas perguntas foram adaptadas para que se encaixasse melhor com cada uma delas, já que cada uma tem uma história diferente da outra.

5 PRODUTO E PROCESSO

Nesta etapa, será detalhada a execução da reportagem, assim como tudo que foi definido para o desenvolvimento do projeto.

5.1 Descrição do produto

A reportagem “mulheres no jornalismo esportivo” é apresentada em um único capítulo de aproximadamente 40 minutos que depois de finalizada será publicada no Spotify. A ideia é fazer a reportagem rodar nos grupos de Whatsapp, storys do Instagram e ter o compartilhamento no perfil das jornalistas entrevistadas, para que o assunto abordado chegue o mais longe possível.

O aplicativo de edição escolhido para juntar os áudios foi o cortador de música, onde fiz a edição pelo celular. Para colocar a trilha e fazer a edição do volume, o aplicativo usado foi o Capcut, no computador.

Para a definição de uma trilha livre de uso foi escolhido o site Motion Array.

Disponível em: <https://motionarray.com/royalty-free-music/you-need-that-beat-2036404/>

Antes da publicação no Spotify, a reportagem foi postada como um teste no Soundcloud.

Disponível em: https://soundcloud.com/gabrielen-de-oliveira-marques/mulheres-no-jornalismo-esportivo/s-563aJ6hTxi7?si=4aecfd694ba045a1b4e1b4764dee1211&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

Após finalizada a apresentação a banca, o trabalho foi publicado no Spotify:

Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0o9qIJW5WI1DLd3D4XchFe?si=BGI2PsbDQMGvV Lylj-QErA>

5.2 Descrição do processo

O processo de edição foi primeiro separar por pastas cada entrevista com nome da entrevistada no título e cada áudio salvo com a devida pergunta para melhor organização. Depois disso, criei um roteiro e comecei a gravar a minha parte no gravador do celular, sempre de noite que é mais silencioso para fazer as devidas junções e cortes.

Em cada pasta, eu colocava também um print de tela para memorizar e eternizar a conversa com as jornalistas.



Figura 1 – Áudios da jornalista Débora de Oliveira

Ao entrar em contato com a jornalista Débora de Oliveira no início de outubro pelo direct do Instagram, em menos de 24 horas ela já havia dado retorno dizendo que seria um prazer, e eu já poderia enviar as perguntas para ela responder. No dia 19 de outubro ela enviou os áudios com todas as perguntas respondidas.

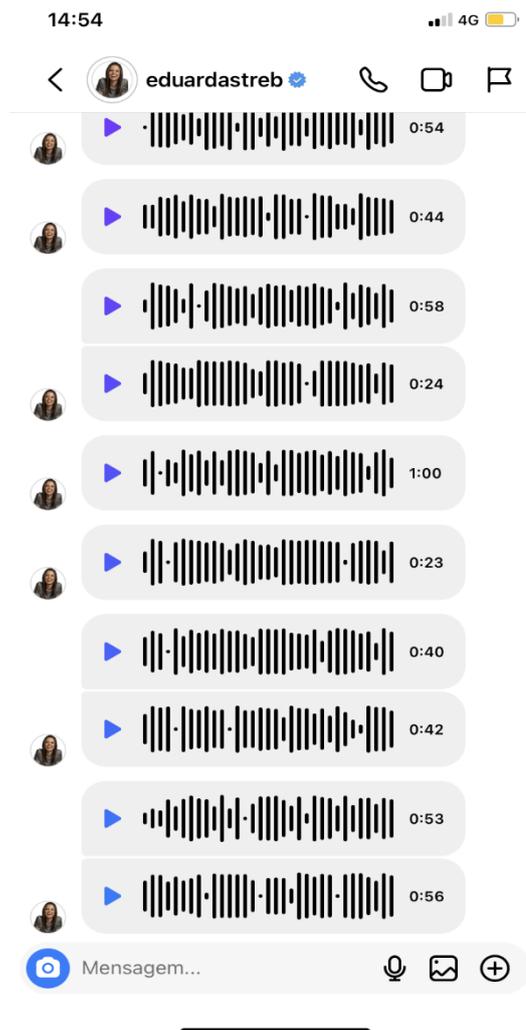


Figura 2 – Áudios da jornalista Eduarda Streb

Para conseguir uma entrevista com a jornalista Eduarda Streb além de enviar um direct no seu Instagram, também mandei um e-mail para contato@eduardastreb.com.br no início de outubro tentando agilizar o processo, levando em conta que ela é a jornalista com mais seguidores entre todas as entrevistadas, e a dificuldade de conseguir contato com ela seria maior. No mesmo dia eu tive o retorno da própria jornalista, afirmando que responderia as minhas perguntas e eu já poderia enviá-las. No dia 20 de outubro todas as dez perguntas foram respondidas por áudio no Instagram.

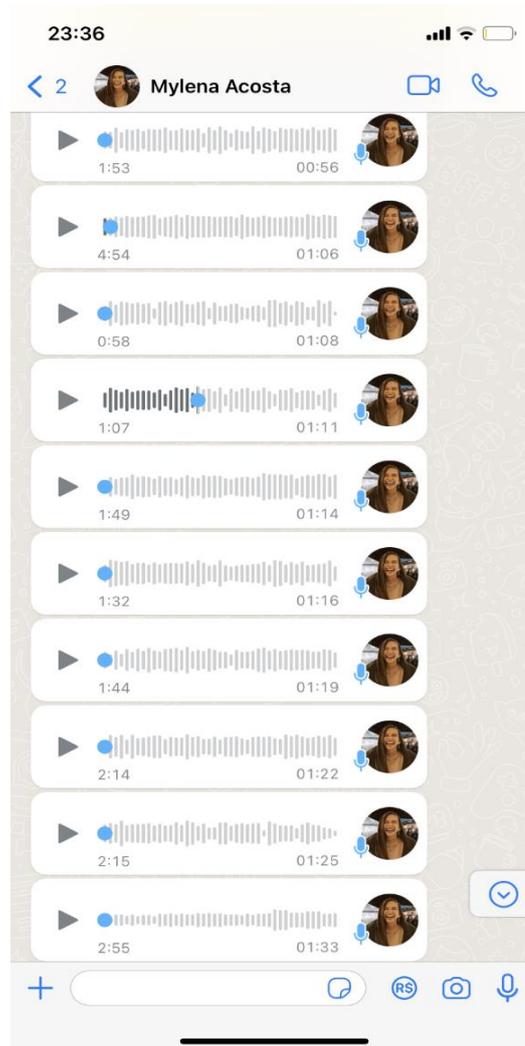


Figura 3 - Áudios da jornalista Mylena Acosta

Ao entrar em contato com a jornalista Mylena Acosta no início de outubro pelo direct do Instagram, a mesma me atendeu dois dias depois pedindo que eu enviasse as perguntas que ela responderia pelo Whatsapp. No dia 19 de outubro ela enviou por áudio todas as respostas.

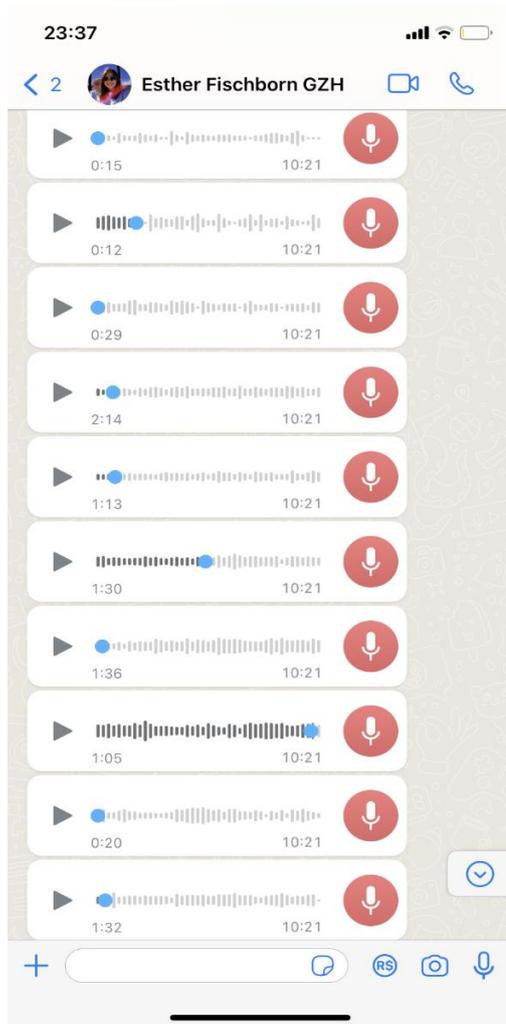


Figura 4 – Áudios da jornalista Esther Fischborn

Em contato com a jornalista Esther Fischborn pelo direct do Instagram, a mesma prontamente me respondeu passando seu número de Whatsapp para que eu enviasse as perguntas. No dia 20 de outubro ela me enviou os áudios com todas as perguntas respondidas.



Figura 5 – Áudios da jornalista Renata de Medeiros

A entrevista com a Renata foi uma das últimas a ser realizada. Primeiro entrei em contato com ela pelo direct do Instagram no início de outubro perguntando se seria possível ela responder algumas perguntas. No mesmo dia ela respondeu a minha mensagem enviando o número do Whatsapp dela, pedindo que eu enviasse por lá as perguntas a serem respondidas.

Apenas no dia 23 de outubro ela conseguiu responder algumas das perguntas enviadas, após eu chamá-la novamente. Por conta da demanda do trabalho ela não conseguiu responder todas, mas isso não foi um problema.



Figura 6 – Áudios da jornalista Valéria Possamai

O processo de entrevista com a Valéria foi um pouco mais demorado por conta da sua participação na Copa Libertadores Feminina, onde ela foi escalada para acompanhar de perto as jogadoras. Como ela não tinha muito tempo disponível, foram respondidas as três principais perguntas do trabalho logo após a volta dela para Porto Alegre. Ela enviou por áudio no Whatsapp depois de eu insistir mais uma vez para que ela respondesse. As respostas foram poucas, porém com bastante tempo de duração, o qual enriqueceu o trabalho com mais uma experiência para se contar.



Figura 7 – Capa da reportagem

Durante a pausa de uma edição e outra, foi criada a identidade visual da foto que aparecerá na postagem. O aplicativo usado foi o Canva, os elementos escolhidos foram um microfone e uma bola de futebol e a cor escolhida para o fundo da imagem foi amarelo, pra ser algo bem chamativo.

Quadro 3 – Roteiro de reportagem

Ordem	Jornalista	Fala
Vinheta		Seja bem-vindo a esse podcast que mostra o universo fascinante do jornalismo esportivo, eu, Gabrielen Marques, conduzo você por entrevistas e momentos inspiradores de jornalistas e suas conquistas, desafios e paixões que moldam a narrativa esportiva e celebram o talento feminino nesse campo.
Trilha inicial		
Áudio 01	Gabrielen (apresentadora)	Nos campos ou arquibancadas, o futebol sempre foi um terreno com histórias de superação, rivalidades e conquistas memoráveis. No entanto, por décadas, o mundo do

		<p>jornalismo esportivo foi um meio majoritariamente masculino, onde as vozes femininas eram raras e, muitas vezes, silenciadas. Hoje, estamos vivendo uma transformação marcante, à medida que as mulheres conquistam seu espaço.</p> <p>Nesta reportagem, exploraremos a evolução da representatividade da mulher no jornalismo esportivo, as barreiras que foram quebradas e as vozes que estão redefinindo o cenário esportivo com determinação e paixão, onde grandes jornalistas gaúchas contam suas opiniões e experiências sobre o tema, começando pela jornalista esportiva Débora de Oliveira, que começou a sua carreira na Rádio ABC, atuou como repórter, apresentadora e debatedora na Bandeirantes passou pela RBS TV, apresentando os programas Bom Dia Rio Grande e RBS Esporte, compartilha sua trajetória e experiência no meio esportivo, abordando tópicos como sua paixão pelo futebol, a representatividade das mulheres no jornalismo esportivo e conta sobre desafios enfrentados ao longo de sua carreira.</p>
Áudio 02	Débora de Oliveira	<p>Eu nunca sonhei em ser jornalista né. Eu sempre sonhei trabalhar com futebol. O jornalismo foi o meio que eu encontrei para poder trabalhar com futebol, que desde criança eu estava inserida nesse contexto. O meu pai era jogador e eu sou filha única, ele não tinha né o filho</p>

		<p>menino para levar a campo, então eu era a grande companheira dele nos finais de semana. E eu cresci nesse ambiente, cresci no meio dos jogadores, dos campos, era o programa do final de semana sempre e eu tinha certeza que eu queria trabalhar com futebol desde sempre. O jornalismo foi uma possibilidade de eu estar inserida no meio do esporte que eu tanto amava. Então muito mais do que o jornalismo ter me levado ao futebol, foi o futebol que me levou ao jornalismo.</p>
Áudio 03	Gabrielen (apresentadora)	<p>Duda Streb, uma jornalista esportiva de renome, que hoje atua como empresária comandando seu próprio negócio, já fez matérias exclusivas pela RBS TV onde começou a se destacar na área esportiva, sendo chamada para trabalhar no SPORTV no Rio de Janeiro onde ficou por anos atuando, agora compartilha sobre sua carreira, e suas experiências no meio futebolístico.</p>
Áudio 04	Eduarda Streb	<p>Sobre a escolha do jornalismo, eu brincava quando eu era criança com uma escova de cabelo na mão, na frente de um espelho, imitando repórter. E eu digo que essa brincadeira de criança virou paixão e depois virou profissão. Eu sempre gostei muito de ler, acompanhava TV, ficava me espelhando na Paola nessa galera aí ótima, imitava eles na frente do espelho. Eu costumava também pegar os livrinhos e passar a limpo na máquina do meu pai, que era um estudioso. Ele escrevia livros também na área da</p>

		<p>psiquiatria e eu gostava muito, né, mas eu pegava os meus infantis e passava a limpo na máquina. Então eu sempre tive muito, muito gosto por essa área. Então foi natural que eu escolhesse jornalismo, não teve nenhuma dúvida.</p> <p>Quanto a esse universo masculino do esporte, eu meio que me acostumei com isso, né? Então eu sabia que eu não podia errar, porque se a mulher erra é porque não sabe, se o homem erra é porque ele se enganou. Então sempre fui de estudar muito, de perguntar muito, de querer estar perto até dos meninos para que eles pudessem me ensinar também, porque afinal de contas a gente, quando bebê a gente ganha uma boneca, eles ganham bola e já saem correndo atrás, então eles têm muito mais vivência, né? Então eu procurei estar sempre à altura, mesmo sabendo que não era fácil, né? E que a gente nunca seria igual a eles. Hoje eu acho que está mais aceito, até porque o número de mulheres aumentou, a nossa voz ficou mais forte, o nosso poder de fala, o nosso pertencimento também, então. Hoje a gente tem narradora, tem comentarista mulher, tem árbitra, isso é muito legal, mas eu ainda acho que tem um machismo velado, um preconceito, escondido, porque hoje fica muito feio desses caras falarem ou de alguém falar algo, de algo que não cabe mais na nossa sociedade com tanta evolução das mulheres.</p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>Então, ainda na RBS TV, eu comecei a propor algumas matérias exclusivas e acabei fazendo no Barcelona com o Ronaldinho, no Milan com a Alexandre Pato e comecei a me destacar nessa área que é dominada por homens. Hoje até é melhor, mas na minha época mais ainda, né? E com esse destaque, o SPORTV me chamou pra ser repórter especial, eu me mudei fui pro Rio de Janeiro e eu fazia a cobertura dos grandes eventos, dos eventos internacionais. Daí que eu fiz Olimpíadas, de Pequim, na China, Jogos Panamericanos no Rio de Janeiro, Copa do Mundo, Libertadores, Mundial de Atletismo, final do Campeonato Português entre Benfica e Porto. Eu realmente voei muito alto no SPORTV, até engravidar e mudar um pouquinho o ritmo de vida.</p>
Áudio 05	Gabrielen (apresentadora)	<p>Renata de Medeiros, uma jornalista com vasta experiência no jornalismo esportivo, que já passou por lugares como Rádio Guaíba, Rádio Gaúcha e SPORTV compartilha sua jornada e discute desafios enfrentados por mulheres nesse meio.</p>
Áudio 06	Renata de Medeiros	<p>Eu iniciei no jornalismo muito cedo porque era sempre uma certeza que eu tinha desde muito criança. A primeira crônica de jogo que eu escrevi foi com 12 anos e desde então eu sempre disse que queria ser jornalista esportiva. Eu logo que terminei o colégio já iniciei a faculdade e no segundo semestre já estagiava na Rádio Guaíba como produtora de esportes e eu consegui ingressar no</p>

		mercado de trabalho do jornalismo esportivo bem cedo porque como era algo que eu tinha certeza que eu queria seguir eu procurava estar sempre estar naquele ambiente de estádio de sala de imprensa. Foi algo que realmente começou desde muito nova, eu recém tinha feito 18 anos e hoje que eu tenho 30, não, eu não passei nenhum dia fora desse ambiente que eu sonho desde os 12 anos.
Áudio 07	Gabrielen (apresentadora)	Assim como jornalistas com mais tempo de experiência, o cenário da comunicação também possui uma nova geração desafiando o papel fundamental que o jornalismo desempenha. Esther Fischborn e Mylena Acosta, são duas competentes jornalistas que vem se destacando no jornalismo gaúcho, compartilhando suas opiniões e experiências.
Áudio 08	Esther Fischborn	Para eu conseguir chegar na RBS, para eu conseguir entrar para o time de esportes em GZH, foi uma estrada longa, foi difícil, e o esporte, o mundo do futebol, do meio esportivo é muito difícil para nós mulheres, para a gente conseguir entrar, não é uma coisa natural que a gente vai se candidatar na primeira vaga de estágio e vai conseguir. Então eu demorei um pouquinho para conseguir entrar no jornalismo esportivo. Eu comecei uma maneira natural que quase todo estudante de jornalismo passa, que é trabalhar em assessoria, depois eu fui começar a trabalhar em redação em 2014, em 2015,

		<p>na verdade, final de 2014, início de 2015, na Record, na TV, aqui em Porto Alegre, e nesse momento eu trabalhava raras vezes com o esporte, apenas quando a produtora do esporte precisava de folga ou fazia alguma outra coisa e aí eu cobria ela. Mas antes disso, eu só trabalhava com o jornalismo geral, trabalhava com o jornalismo geral, trabalhava com o jornalismo policial na verdade, que era o balanço geral, eu era produtora, então nesse início de pré-carreira, né, não sei se a gente pode dizer que é uma carreira, mas nesse início foi o que eu fiz.</p>
Áudio 09	Mylena Acosta	<p>Bom, o meu início foi bem tranquilo, assim, é claro, dá aquele medo, né, aquela tensão assim de chegar numa redação tão grande, mas realmente é um ambiente majoritariamente masculino, porém temos, o número de mulheres tem crescido cada vez mais e isso me deixa muito feliz e orgulhosa, quando eu cheguei já tinham algumas meninas e junto comigo chegaram mais duas, né, na mesma época e depois o time foi crescendo nesse sentido, mas foi um momento acolhedor, assim, a gente sente aquela tensão assim dentro da redação, mas ali todo mundo está em sintonia e é perceptível o quanto se entende que existe uma obrigação muito grande de termos mais mulheres nas redações.</p>
Áudio 10	Gabrielen (apresentadora)	<p>A luta das jornalistas é constante, pois ainda enfrentam desafios e preconceitos durante o exercício do seu trabalho.</p>

Áudio 11	Débora de Oliveira	<p>Uma cena muito emblemática foi logo no início da minha carreira, eu ia fazer minha primeira viagem para fazer um jogo da série B do Campeonato Gaúcho, o jogo seria lá em Carazinho, e o meu chefe veio me chamar dizendo que eu não iria mais, porque a esposa de um colega meu da rádio não queria que ele viajasse comigo, na época eu tinha 17 anos, foi quando eu comecei, e acho que foi a minha primeira situação de preconceito relacionada ao futebol e ao meu local de trabalho como jornalista, e não foi de um homem, foi de uma mulher que não estava se sentindo confortável que eu fosse viajar com o marido dela, então às vezes o preconceito não vem só por parte dos homens né, a gente precisa entender isso.</p>
Áudio 12	Eduarda Streb	<p>Eu sofri vários casos de discriminação, preconceito, machismo, mas se você quer sobreviver nessa área, no meu caso, eu tinha que ficar quieta, eu tinha que continuar. Então, a gente meio que se blinda dessas ofensas desse machismo que é estrutural e vai para frente. Então, em vez de eu ficar ouvindo isso e dando palco para essa gente, eu segui a minha carreira e assim eu consegui levar adiante, mas é muito difícil. Eu só fui sentir isso na pele quando eu estava no rádio, que tem esse programa que você sabe aí do sala né, que você citou, e eu sofri ali, ao vivo, uma situação bem constrangedora. E ali eu te digo que doeu, porque eu acho que eu não tinha mais aquela armadura que eu me</p>

		<p>acostumei a usar no dia a dia do jornalismo esportivo. Eu estava ali por merecimento a convite da Rádio Gaúcha e de repente tu ouve aquilo ali e dói porque eu trilhei um caminho tão árduo e tão longo pra chegar onde eu cheguei e eu tava lá por mérito. Então ali eu senti mais do que nunca, eu realmente senti. E pra gente coibir eu acho que é isso, acho que é a gente falando, é a gente não aceitando. Teve uma grande repercussão no Brasil, as mulheres não aceitaram isso. Então acho que é uma maneira da gente se unir também e lutar por esse nosso lugar, porque é nosso lugar, né? A gente não quer tirar o lugar de ninguém, a gente só quer ocupar o nosso lugar.</p>
Áudio 13	Renata de Medeiros	<p>Então aquele assédio que eu sofri no Beira Rio em 2018 foi uma situação que infelizmente outras mulheres já passaram em outros estádios do Brasil em mais ou menos intensidade, aquelas coisas que a Renata ouvia na redação, todas as outras jornalistas ouviam nas suas redações e à medida em que isso acontece, que tu consegue identificar outras pessoas que passam pela mesma coisa negativa que tu, rola um movimento muito legal de rede de apoio, que é uma pessoa que entende a tua dor te confortando sobre aquilo que tu passou.</p>
Áudio 14	Esther Fischborn	<p>Eu acho que toda mulher que trabalha no esporte em algum momento sofreu algum preconceito por ser nova, por ser mulher. No início eu tinha muito isso, aí,</p>

		<p>guriazinha, guriazinha, eu era muito chamada de guriazinha, de menininha e eu tenho uma imagem de uma menina mais nova, mas eu tenho 28 anos e eu tenho experiência e as pessoas sempre, as pessoas não né, muitos homens sempre diminuíram essas minhas experiências, me rebaixando a uma menininha que começou ontem e tudo mais e eu não via esse mesmo tipo de tratamento com meus colegas homens, às vezes até mais novos, com menos experiência que eu, mas eram tratados com muito mais respeito. Então no início eu sofria assim, preconceito não só de colegas do mesmo veículo mas também de pessoas de fora, pessoas que se achavam no direito de ir nas minhas redes sociais diminuir as minhas opiniões pela minha idade ou pelo meu gênero. Esses movimentos contra o preconceito, assédio e machismo, eles infelizmente ainda são necessários e são extremamente importantes. Ser mulher nesse meio esportivo realmente não é muito fácil. Todas nós já passamos por algum tipo de situação que gerou constrangimento, que deixou a gente mal. O que a gente faz é reportar para a nossa chefia, porque não tem muito o que fazer. Estádio é um lugar com muita gente. Às vezes a gente fica nervosa na hora e a gente não grava o rosto da pessoa que falou alguma coisa que a gente não gostou. Não tem muito o que fazer. O que a gente tem</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>que fazer é usar esses movimentos para conscientizar as pessoas homens que o nosso lugar é ali, que a gente está fazendo um trabalho, que a gente precisa ser respeitada. Não só a gente merece respeito, a gente tem o direito de ser respeitadas então esses movimentos são importantes para isso.</p>
Áudio 15	Mylena Acosta	<p>Realmente não é fácil. Ser mulher no meio futebolístico não é nada fácil. Eu sou uma pessoa que fala muito com a torcida, né? Então eu tenho contato com muitas pessoas e eu já partilhei, claro, né, com os meus colegas de trabalho, com a minha chefe principalmente. Eu já passei por algumas situações de assédio nos estádios, assim, de o torcedor que levanta mais a fala, que faz a piadinha, que na verdade a piadinha a gente chama de assédio verbal, né? Então já passei por essa situação e é complicado, sim, porque quando aconteceu eu tive o total apoio e aporte, né, de quem eu precisava, de quem eu contei logo na hora, assim. Mas a gente se sente insegura e é por isso, inclusive, que cada vez mais, se for possível, se a gente conseguir falar, se a gente se sentir confortável e segura para dizer, quando acontecem essas situações, as coisas precisam ser ditas para que, enfim, medidas cabíveis sejam tomadas ou para que se tenha a ideia, cada vez mais, de que esse é o meio. Mas, assim, não é uma obrigação. O que precisa ser feito é se sentir no ambiente confortável, ou seja, o ambiente se</p>

		tornar confortável para as mulheres trabalharem, para as mulheres compartilharem, caso aconteça algum caso mais forte de assédio, preconceito, enfim.
Áudio 16	Gabrielen (apresentadora)	Apesar de todos desafios enfrentados, há muita coisa boa a se falar.
Áudio 17	Gabrielen (apresentadora)	Valéria Possamai é mais uma jornalista esportiva gaúcha que atua em GZH e teve a grande experiência de viajar pra cobrir a Copa Libertadores Feminina.
Áudio 18	Valéria Possamai	Sobre a minha experiência de cobrir a Copa Libertadores. Primeiro que quando essas situações acontecem, elas enriquecem não só o aspecto profissional, mas também pessoal de ir para outro país, de conhecer uma outra cultura e especialmente naquele momento já que se tratava de uma Copa Libertadores feminina que a gente estava também acompanhando mais de perto pela primeira vez, já que era a estreia também do Inter em uma competição como essa. Então, além de toda a responsabilidade, mas eu estava muito orgulhosa de participar desse momento, de trazer para o Rio Grande do Sul um pouco do feito que as Gurias Coloradas estavam fazendo, não só no aspecto do clube, no futebol feminino, mas também para o Rio Grande do Sul, já que era a primeira vez que uma equipe gaúcha estava disputando. Então, foi também uma honra e uma responsabilidade muito grande de participar desse

		<p>momento. Quando a gente fala do aspecto do trabalho, foi uma cobertura que eu fui a enviada especial, então eu entreguei muito conteúdo para rádio, para site, para jornal, também no podcast, no Resenha das Gurias e também para TV. Eu acho que quando acontece uma cobertura nesse formato, também te desafia muito enquanto profissional para você entregar conteúdo de diversas formas, para diversos veículos. E claro que transmitir uma partida sempre tem um peso e é algo diferente. É uma coisa que te coloca uma outra responsabilidade, porque é diferente, por exemplo, até da minha rotina como produtora, mas também como repórter, que você fica ali descrevendo os lances, acompanhando tudo que está rolando e durante toda essa cobertura eu também vou sair de cidades dentro da Colômbia, você vive a rotina do clube. E então foi tudo muito especial, teve muito trabalho e ao mesmo tempo eu acho que são nessas ocasiões que você também tem a experiência e também é um desafio enquanto profissional de entregar conteúdo em diversas plataformas de diversas formas e isso também é um aspecto que entra nisso e além disso quando a gente sai para uma cobertura internacional tem alguns outros aspectos que às vezes o ouvinte ou quem está nos acompanhando não sabe muitas vezes, mas também tem aqueles desafios que é problema de internet, tem o</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>problema com equipamento, então claro que não é tudo, tudo acontece perfeitamente e eu acho que isso também faz você crescer não só como profissional mas também pessoal, né? Você tem que lidar com as dificuldades, naquele momento eu estava sozinha, então isso também eu acho que me ensinou muita coisa e claro que é uma. Experiência que eu vou levar pro resto da minha vida e de ter também essa honra de trazer tudo que estava acontecendo lá na Colômbia, aqui pro Rio Grande do Sul, no momento que foi histórico, não só pro Inter, mas também pro futebol feminino gaúcho.</p>
Áudio 19	Débora de Oliveira	<p>Tive muitos momentos marcantes, né, mas acho que no Mundial de 2006, quando o Inter foi campeão do mundo pela primeira vez, eu estava recém chegando na RBS TV, eu tinha feito a Libertadores pela Band, e o Mundial eu fui contratada pela RBS TV, e eu entrei ao vivo com Galvão Bueno, né, no show do intervalo, antes do jogo, depois do jogo, pra fazer a festa da torcida colorada, acho que foi a primeira ficha que caiu, meu Deus, o que está acontecendo, né, porque foram muitos, muitos, muitos sacrifícios, nossa, a gente teria que ficar muito tempo conversando pra eu contar todos os sacrifícios que eu enfrentei e vivi pra poder chegar naquele momento ali com ele.</p>
Áudio 20	Eduarda Streb	<p>As lembranças da TV são as melhores. Eu sinto falta hoje somente de trabalhar em</p>

		<p>grupo né, sinto falta dos meus amigos, mas eu ainda tenho contato. Eu não sinto falta mais daquela rotina ou da falta de rotina de um repórter. Eu acho que tem uma idade que você quer mais o conforto e a gente não tinha muito, né? A vida de repórter é vida louca. Então eu amava isso, mas hoje eu prefiro ficar mais no sossego. Eu não me arrependo de absolutamente nada. Eu acho que tudo a seu tempo, eu aproveitei muito a minha carreira, eu me dediquei muito, eu abri mão de muita coisa. E quando chegou a hora de eu ser mãe na Copa do Mundo, quando eu estava escalada para a África do Sul e eu ia fazer também os Jogos de Inverno, as Olimpíadas de Inverno no Canadá, foi quando eu engravidei da Luiza e ficou bem difícil de conciliar, até porque a vida de repórter não tem rotina, né? Especialmente no Sport TV eu ficava viajando o mundo, eu desmamei a Luiza com oito meses, eu fui para os Emirados Árabes, cobri o Internacional no Mundial, depois eu fiz seleção brasileira, Copa América na Argentina, fiquei longe dela também. Então, chegou uma hora que eu disse, eu quero ser mãe, acho que já fiz bastante, fui muito realizada, então quando completou meu ciclo de 20 anos de TV, eu decidi então empreender, abrir a minha agência de comunicação e hoje a gente reúne na Duda Streb Comunicação, assessoria de imprensa, gestão de redes sociais, mídia training, um</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		pouquinho de tudo dessa área aí apaixonante da comunicação.
Áudio 21	Renata de Medeiros	<p>A Copa do Mundo na Austrália foi minha primeira cobertura internacional e a primeira cobertura de uma copa feminina, então foi muito significativo pessoalmente para mim, porque o futebol feminino foi uma modalidade que me ajudou muito a me entender como ser humano no mundo, acompanhar a evolução das modalidades, o jeito de pensar das profissionais que lideram esse movimento no futebol feminino no Brasil, de entender como profissionais mulheres estão inseridas muito diferente dos profissionais homens no mercado de trabalho, foi algo muito transformador para mim, então foi quase um desfecho assim, desse grande processo que foi os últimos anos para mim de descobertas mesmo de feminismo e etc. E como experiência profissional, obviamente é uma realização, porque é onde o jornalista quer estar, né, onde está acontecendo a notícia. Ir para o outro lado do mundo, literalmente, sozinha, é bem assustador, mas no fim das contas foi muito legal, embora o Brasil tenha caído muito cedo da competição, porque a Austrália se tornou um país em que o futebol é o esporte mais praticado por meninas entre os 4 e os 10 anos, então o futebol feminino já é um fenômeno sociocultural na Austrália, e ver esse movimento acontecendo foi algo tão legal quanto ter</p>

		<p>coberto a Copa no sentido dos jogos né, ver esse entorno muito efervescente pro futebol feminino foi algo muito emocionante.</p> <p>Diversas oportunidades assim eu cheguei em famílias que estavam os pais e uma menininha ou um menininho ou duas meninhas, enfim, e aí perguntava para os pais, né, vieram trazer as crianças no estádio hoje? E aí os pais respondiam não, elas que vieram nos trazer. E as meninas, citando quase todas as jogadoras da Austrália, na ponta da língua, né, dizendo, ah, eu gosto da fulana porque ela zagueira e eu também sou. Então, ver como o futebol participa ou integra a vida tão naturalmente de meninas tão novas foi muito legal.</p>
Áudio 22	Esther Fischborn	<p>O momento mais legal da minha curta carreira até o momento, com certeza foi a final do brasileirão feminino, os dois jogos, o que eu cobri no Beira Rio e o que eu cobri na Neo Química Arena, cobri como repórter de campo e foi com certeza a melhor experiência da minha vida. Eu nunca me senti tão feliz e aquele foi o alto da minha cobertura, o alto do meu trabalho, foi o momento que eu mais me dediquei, foi o momento que mais deu certo tudo, com certeza espero mais momentos como aquele.</p>
Áudio 23	Mylena Acosta	<p>Tem dois momentos muito emocionantes, talvez, na minha carreira, ou no meu momento até aqui, né, que foi a entrevista com o Tite, o técnico da seleção passou por Porto Alegre no ano passado, né, pra fazer essa, pra fazer o Media Day, antes</p>

		<p>da Copa do Mundo, e eu tive a oportunidade de estar na mesma sala que o Tite duas vezes, né, foram duas entrevistas que eu fiz a cobertura das redes sociais, tanto pela Rádio Gaúcha, quanto por GZH, e foi uma oportunidade sensacional, assim, de ter conhecido o técnico da seleção brasileira e um dos maiores técnicos do Brasil. Também entrevistei o Cafu, né, um momento histórico, o capitão da conquista, de uma das conquistas mais importantes pra seleção brasileira, e foi muito legal poder ter esse contato com ele, assim, de ter o cara ali pertinho né, num outro momento, mas um cara muito marcado por ser o Cafu em si. Eu acho que é isso, acho que esses momentos foram muito legais, muito emocionantes, acho que nesse primeiro momento são os que eu, são os que eu recordo, assim. E claro, teve um momento que foi muito especial, assim, que atinge um outro nível, que foi quando eu fiz uma matéria pra TV. Eu fiz um VT pro Globo Esporte contando a história da nossa galera, dos nossos colegas que foram viajar pro Catar, né, pra Copa do Mundo, e foi um VT que eu mesmo apresentei, então a realização de vários sonhos de aparecer na TV fazendo uma matéria, enfim, muitas pessoas me viram, então foi uma realização muito, muito legal que eu carrego com muito orgulho, assim.</p>
Áudio 24	Valéria Possamai	Eu tenho uma carreira que é curta em comparação às grandes referências do

		<p>jornalismo e até mesmo em relação aos meus colegas. Mas eu vivi muita coisa nesse curto período e eu comecei em termos de veículo de comunicação na Rádio Grenal, onde eu tive uma base que foi muito importante, onde eu ganhei confiança a partir das pessoas que trabalhavam comigo, sendo produtora, sendo repórter. Eu participei especialmente da cobertura da Copa do Brasil de 2019, onde me deu uma base muito importante em termos de reportagem, não só como repórter de torcida, mas também repórter de acompanhamento dos clubes. Nesse mesmo ano eu narrei o grenal do campeonato gaúcho feminino, que foi um momento muito importante, que eu guardo com muito carinho essa experiência. Depois, trabalhando já na Rádio Gaúcha, eu tenho essas coberturas com futebol feminino. No ano passado, eu fiz dois jogos em São Paulo e entre eles eu tive essa experiência de ser repórter de goleira, como a gente fala aqui no Rio Grande do Sul, que nada mais é que ser a repórter de campo, de descrever os lances, né, acompanhar tudo que está acontecendo. A final do campeonato brasileiro feminino eu acho que é algo que também está entre essas memórias porque eu sempre gosto de destacar isso. A gente fala de um clube específico, mas também o estado ganha como um todo e acompanhar o público no Beira Rio no primeiro jogo</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>contra o Corinthians, depois também a grande decisão em São Paulo, na Neo Química Arena. Nesse ano, eu tive a oportunidade de acompanhar a seleção brasileira feminina pela primeira vez in loco. Era a despedida da seleção aqui do Brasil antes do embarque para a Copa do Mundo da Austrália e da Nova Zelândia. Tive a oportunidade de entrevistar a Marta, que também é uma memória, uma experiência que é muito importante e eu acho que além de toda essa cobertura da transmissão mesmo do jogo contra o Chile, mas algo que foi muito bacana, a gente transmitiu ao vivo na Rádio Gaúcha da pista do aeroporto de Brasília, a decolagem da delegação indo rumo à Copa do Mundo, então isso foi muito bacana e são diversas coberturas em relação ao futebol feminino como repórter e eu tenho crescido muito em relação a isso, assim, de acompanhar o feminino e acompanhar não só a evolução da modalidade, mas ao mesmo tempo o meu crescimento profissional, eu tenho crescido também muito e aprendendo muito nessas coberturas e claro que tem também o trabalho como produtora de muitas vezes acompanhar grandes momentos, no final do ano passado, no início desse ano, eu estava na produção quando houve a morte do Pelé e foi algo muito marcante, porque a gente estava falando de um ídolo, todos sabem o quanto que o Pelé representava e ainda</p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>representa para o futebol, então, também foi um momento que foi importante, mas eu diria que os momentos memoráveis, eles também estão ligados no dia a dia, de muitas vezes a gente se superar num momento que é difícil, é claro que as grandes coberturas, os grandes momentos, eles sempre são lembrados, mas eu acho que o dia a dia também de você aprender, de você lidar com uma situação que é muito complicada ou de um programa que está muito difícil de fechar, eu acho que isso também acaba fazendo parte de uma superação e que também fica nesses momentos, nessas experiências que são memoráveis e também tem esses dois lados.</p>
Áudio 25	Gabrielen (apresentadora)	<p>De forma em que nos aprofundamos nos bastidores do jornalismo esportivo, percebemos que as mulheres enfrentam desafios únicos como a desigualdade de gênero, machismo e até mesmo a maternidade tentando conciliar a demanda do jornalismo com as responsabilidades familiares. Devemos reconhecer e superar os desafios enfrentados pelas jornalistas, não apenas fortalecendo movimentos, mas também o caminho para uma representação mais justa e inclusiva nessa narrativa.</p>
Áudio 26	Esther Fischborn	<p>E a dica que eu deixo para quem quer seguir essa carreira é não desista, vale a pena, vale muito a pena, estude, trabalhe, se dedique,</p>

		que com certeza os resultados virão. Com tempo, os resultados virão.
Áudio 27	Débora de Oliveira	Eu acho que o que eu deixo de maior dica e sugestão para as meninas que queiram seguir nessa área do jornalismo esportivo, é que elas queiram ser jornalistas esportivas. Elas vão ter o mesmo compromisso com a informação que os homens, elas vão ter a mesma responsabilidade que os homens, elas vão ter a mesma oportunidade de mostrar o melhor delas que qualquer um. Então que onde elas estiverem, seja no canal delas, seja na radiozinha do interior, seja numa emissora grande que elas façam o melhor, porque alguém tá vendo e alguém vai dar a oportunidade que elas cresçam.
Áudio 28	Eduarda Streb	Dica, eu diria pro estudante, pra quem sonha com essa carreira, acreditar nas pequenas possibilidades. Eu sempre fui de aproveitar qualquer trezinho que passava na minha frente, do Jornal de Bairro a Globo News, qualquer possibilidade, chance de aprender, de fazer relacionamento, de me mostrar, eu aproveitei. E eu acho que isso foi fundamental pra que eu crescesse. Faltava repórter e eu ia, faltava gente no final de semana, na zero hora, e eu me apresentava. Eu sempre me mostrei muito disposta a aprender, a crescer, a evoluir, eu acho que isso as pessoas percebem e acabam nos dando mais chances.

		<p>Aproveitar, não ficar escolhendo, isso eu gosto, isso eu não quero, não, acho que no início a gente tem que ser pau pra toda a obra, quanto mais completa jornalista melhor, então hoje não adianta eu só falar de assessoria, eu preciso estar conectada nas redes sociais, eu preciso oferecer algo mais para o meu cliente, conexões com influenciadores e eu acho que o jornalista ele precisa estar antenado nessas mudanças que ocorrem o tempo todo, então eu diria que aproveitem as oportunidades que aparecem por menores que possam ser, mas dali pode estar o teu futuro.</p>
Áudio 29	Mylena Acosta	<p>Olha, eu acho que eu daria duas dicas, tá? Uma é faz e a outra é estuda. A gente sabe o quanto as coisas não chegam de mão beijada, não chegam no nosso colo, assim, as oportunidades não surgem dessa forma, né? E muitas vezes a gente busca, busca, busca, busca uma oportunidade, uma chance de tanto que a gente batalha para as coisas acontecerem. Mas essas batalhas, elas precisam resultar, elas vão resultar numa oportunidade se a gente fizer, né? Se a gente deixar o medo de lado, deixar o receio de lado, ou for com medo, for com frio na barriga mesmo, assim. Tá com vontade de fazer? Ah, eu queria tanto falar sobre um jogo, mas não sei o que as pessoas vão pensar. Cara, faz, sabe? Pensa numa estratégia, pensa num formato que tu</p>

		<p>acha legal, pensa no jeito que tu quer mostrar para as pessoas. Se tu gosta de escrever, se tu gosta de falar, se tu gosta... e faz e estuda bastante, porque é um meio que precisa estudar bastante. A gente vive o esporte dia a dia, mas o futebol existe há muito tempo, então tem muita coisa pra aprender, a gente não vai aprender de uma hora pra outra, mas dentro do possível, tenta buscar conhecimento, tenta acompanhar programas esportivos, entender o meio em que tu tá pra poder te destacar de algum jeito. Sempre lidando com a realidade, sempre sabendo que as coisas não vão cair de mão beijada e que a gente tem que batalhar bastante. Então, estuda e faz que as oportunidades elas vão surgir. E acho que uma terceira dica é não desiste. Se é isso que tu quer, não desiste mesmo. Com todas as dificuldades, com todos os percalços. Não desiste, porque se é o que tu realmente quer, se é realmente o que tu busca, vai acontecer. Vai acontecer, pode demorar um pouco mais, pode ser rápido demais, mas sempre pensa em ti, faça para ti, sem comparar a tua trajetória com a de outra pessoa. Faz, estuda e não desiste que vai dar certo.</p>
Áudio 30	Gabrielen (apresentadora)	As mulheres estão conquistando seu espaço e quebrando barreiras, pois a representatividade no jornalismo esportivo não é apenas uma questão de diversidade, mas de

		enriquecimento, proporcionando perspectivas únicas e histórias inspiradoras. Que este seja um chamado para mais oportunidades e mais reconhecimento para as mulheres que estão fazendo seu trabalho de forma correta. Que cada jovem jornalista veja um horizonte mais amplo e sinta que pertence a esse espaço, que é dela por direito.
Trilha final		

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder o problema de pesquisa do trabalho que eram quais dificuldades as jornalistas enfrentam no meio futebolístico, primeiro foi abordado sobre a mulher no jornalismo esportivo na história, mostrando quando elas começaram de fato a ganhar espaço. Logo após, já entrando na era atual, o trabalho dedicou-se a entender a importância dos podcasts no meio jornalístico, que é uma nova ferramenta que de maneira muito positiva tem relação com o jornalismo como uma forma de trazer notícias e reportagens de um jeito mais detalhado.

A partir de toda parte teórica, iniciou-se a parte prática que consistiu em criar um podcast em formato de reportagem. Desta forma, foram procuradas diversas jornalistas gaúchas que aceitassem ser entrevistadas e falar sobre suas experiências. Na elaboração deste trabalho pode se entender e aprender que considerar a presença da mulher no jornalismo esportivo é fundamental para compreender a evolução e os desafios enfrentados por profissionais do sexo feminino nesse campo.

A atuação das mulheres no jornalismo esportivo tem contribuído significativamente para a quebra de estereótipos de gênero. Elas têm demonstrado expertise, paixão e conhecimento no mundo esportivo, desafiando preconceitos e mostrando que a competência profissional não está vinculada ao gênero. Pode se notar ao decorrer das entrevistas que as mulheres tem ocupado bons cargos e tido diversas oportunidades como cobrir grandes eventos esportivos, sendo assim valorizadas e reconhecidas.

A importância de mostrar esse assunto para o mundo e compreender a representatividade da mulher no jornalismo esportivo é parte de um movimento para uma sociedade mais igualitária e inclusiva, promovendo um ambiente mais saudável e sem preconceitos.

Ainda há muita coisa a melhorar incluindo cargos de liderança e oportunidades para as mulheres se envolverem em todos os aspectos do esporte. Apesar disso, já se nota nos dias atuais um ambiente mais inclusivo no meio futebolístico, promovendo a representatividade da mulher.

As mulheres que se destacam no jornalismo esportivo servem de inspiração para as próximas gerações. Elas demonstram que é possível superar barreiras e alcançar o sucesso em qualquer área, independentemente do gênero. A responsabilidade de promover uma maior representatividade no jornalismo esportivo

não recai apenas sobre as mulheres, mas também sobre a sociedade, as instituições esportivas e os veículos de comunicação. Todos devem trabalhar juntos para criar um ambiente mais inclusivo.

As mulheres que alcançam destaque no jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul servem como inspiração para as jovens que desejam seguir uma carreira na área. Elas mostram que é possível superar adversidades e conquistar reconhecimento em um campo historicamente dominado por homens. Em conclusão, a representatividade da mulher gaúcha no jornalismo esportivo é um tema relevante e em evolução, com conquistas notáveis, desafios persistentes e um papel importante na narrativa esportiva local. É uma jornada que requer compromisso contínuo com a igualdade de gênero e a valorização das contribuições das mulheres no jornalismo esportivo do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Pablo de. E LUIZ, Lúcio. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para distribuição de mídias digitais. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Caxias do Sul, 2010

BARBEIRO, Heródoto & RANGEL, Patrícia. Manual do jornalismo esportivo, São Paulo, Contexto, 2006.

BIANCO, Nelia R. Del. A Internet como fator de mudança no jornalismo. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXVII, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>. Acesso em 28 de nov 2023.

CALAZANS, Caio. **Uma ideia sobre “Papo de Redação:** Regiani Ritter solta o verbo para o Caixa Preta (Exclusivo) – Parte 1. setembro 5, 2011. Disponível em: <<http://caixapretafc.wordpress.com/2011/09/05/papo-de-redacao-regiani-ritter-solta-o-verbopara-o-caixa-preta-exclusivo-parte-1/>>. 2011.

CARVALHO, A. Mulheres Jornalistas Esportivas e Redes Sociais: A Expansão da Presença Feminina na Cobertura Esportiva. Revista de Ciências da Comunicação, 26(1), 129-141.2020

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COELHO, Raquel. Mulheres no esporte e no jornalismo esportivo: visibilidade, lutas e conquistas. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 36(1), 179-196. 2014

HABIB, L. Jornalista: profissão mulher. São Paulo: Sapienza, 2005.

MACHADO, M. Mulheres Jornalistas Esportivas e Direitos Humanos: O Caso do Rio Grande do Sul. Revista de Estudos Feministas, 28(1), e54544. 2020

MARTINS, M. O Jogo no Ar: Mulheres e Homens no Jornalismo Esportivo. São Paulo: Intermeios. 2017.

MÔNICA BERGAMO. [Locução de]: Mônica Bergamo. [S. I]: Grupo Bandeirantes. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2HTatIEfCqI42eDacqImy1>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Museu do Futebol. (2016). Narradoras esportivas: A voz feminina no rádio e na TV. Recuperado de <http://www.museudofutebol.org.br/blog/narradoras-esportivas-voz-feminina-no-radio-na-tv/>

NASSAR, Cardoso. O assédio no jornalismo esportivo: o cotidiano das jornalistas e o machismo praticado pela imprensa (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. 2016

OLHA AQUI!. [Locução de]: Reinaldo Azevedo e Fabíola Cidral. [S. l]: UOL. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/46WDeRJSIkFyE6COe4VJb>. Acesso em: 29 nov. 2023.

RAMOS, Regina. A história das mulheres no jornalismo brasileiro: a trajetória de Lúcia Rito e a construção de uma história ainda por ser contada. In M. A. S. F. V. Barbosa, E. A. Schettini, & C. P. B. Marques (Orgs.), *Mulheres Jornalistas: identidades, desafios e representações* (pp. 236-248). Rio de Janeiro: Garamond. 2010

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina. 2009

RELATÓRIO de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil. Fenaj. 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: Histórias da Imprensa Esportiva do Brasil. Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Hamilton. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da redação de um jornal diário. São Paulo: Companhia das Letras. 1998

TEIXEIRA, A. A. O jornalismo na internet. *Comunicação & Inovação*, 3(5), 56-68. 2002

ANEXOS

DECUPAGEM DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA DÉBORA DE OLIVEIRA

1- Como iniciou no jornalismo? Tu imaginava ficar no meio esportivo?

Eu nunca sonhei em ser jornalista. Eu sempre sonhei trabalhar com futebol. O jornalismo foi o meio que eu encontrei para poder trabalhar com futebol, que desde criança eu estava inserida nesse contexto. O meu pai era jogador e eu sou filha única, ele não tinha o filho menino para levar a campo, então eu era a grande companheira dele nos finais de semana. E eu cresci nesse ambiente, cresci no meio dos jogadores, dos campos, era o programa do final de semana sempre e eu tinha certeza que eu queria trabalhar com futebol desde sempre. O jornalismo foi uma possibilidade de eu estar inserida no meio do esporte que eu tanto amava. Então muito mais do que o jornalismo ter me levado ao futebol, foi o futebol que me levou ao jornalismo.

2- Durante tua trajetória, como foi como mulher trabalhar em meio a tantos homens por causa do futebol?

Eu sempre trabalhei com mulheres naturalmente, né, o primeiro programa que eu apresentei inclusive como jornalista foi na Rádio ABC, na época ela era 1470AM, e eles fizeram um concurso para fazer um programa de debates feminino, o Fórum Feminino de Esportes, e esse concurso eu participei, fui uma das escolhidas, eles escolheram quatro, eu fui uma delas, e foi ali que eu comecei a minha caminhada no rádio, antes de chegar na televisão inclusive, então já foi com mulheres os meus primeiros passos, né, o que para mim sempre foi muito natural, porque como eu disse, eu cresci no meio dos campos, e as mulheres estavam sempre junto nesse contexto, as esposas dos jogadores, as mães dos jogadores, a senhora que lavava o uniforme, que estava sempre fardada no campo, então nunca para mim as mulheres não estiveram presentes nesse meio. Eu vi no mercado, no momento em que eu cheguei pra trabalhar, que as pessoas se surpreendiam, porque no contexto geral, obviamente, não tinha mulheres, mas no meu contexto particular, desde sempre teve. Então eu acabava me surpreendendo com a surpresa deles. Como assim vocês acham que não tem mulher que faz futebol, que gosta de futebol? Se de onde eu vim, elas amam e participam e vivem tudo normalmente. Então acabou que eu nem dava bola, sabe, pra surpresa deles e pra apreensão deles de ter uma mulher junto no contexto.

3- Conta um pouco as mudanças que tu vê hoje no trabalho, como a representatividade da mulher aumentando por exemplo.

Quando eu comecei praticamente não tinha mulheres né, eu fui uma das primeiras e era tudo muito difícil principalmente nos veículos né, os veículos entenderem a importância de ter uma mulher, tanto que meu pai nem queria deixar eu fazer jornalismo porque ele dizia “olha só o mercado está saturado, não tem mulher, nenhuma mulher trabalha” e o meu pai não queria deixar e eu dizia: “pai se eu for a melhor eu vou ter onde trabalhar.”

E assim eu coloquei na minha cabeça que quando a gente se dedica a algo que a gente faz bem, que a gente faça bem, os veículos vão sentir necessidade de ter aquele profissional né?! Então eu fui desbravando esses caminhos junto com outras colegas também pra que hoje fosse mais fácil pra algumas meninas. Ainda é um caminho muito difícil de ser trilhado né, a gente vê que as oportunidades maiores não são pra elas, mas eu vejo que já não é tão complicado como era antigamente. Principalmente pelo público né, o público antes via como surpresa os atletas, os torcedores eles olhavam pra gente, para mim ne, vou falar de mim no estádio e ficavam assim “o que que aquela ali tá fazendo ali, será que ela entende alguma coisa?” E hoje as meninas que estão trabalhando elas já não passam por isso. Eles já sabem, esse público os atletas os torcedores, que existem mulheres naquele contexto também. Então é uma diferença que eu vejo hoje que também facilita a vida das meninas que querem trabalhar nessa área.

4- O que tu acha sobre jornalista revelar o time? Prejudica?

Sobre revelar o time, antigamente Deus o Livre, né? Tu não podia tocar nesse assunto, não podia pintar a unha de vermelho, não podia ter um carro azul, a roupa nunca, nem vermelho nem azul. Eles gostavam de ti por saber que tu não era o time rival, né? Deus o Livre, tua matéria podia ser excelente, mas se tu cogitasse puxar para um lado de um ou para o lado de outro, eles já te odiavam. Hoje eu vejo que existe uma exigência, inclusive, para a gente mostrar e falar o time do coração. Eu todos os dias sou questionada para isso, por que que eu não me identifico? Mas eu tenho um cuidado muito grande, porque existe o torcedor, o jornalista, né? Os colegas que são realmente são torcedores de um time e de outro e fazem o trabalho deles voltados, né? Para poder trazer informações, para poder trazer exclusividade de notícias, de furos de reportagens relacionados ao time do coração, enquanto tem outras pessoas que estão inseridas no contexto da imprensa, mas que não são jornalistas, são muito mais torcedores, que hoje estão inseridos no contexto de imprensa, e que acabam trazendo a tona um outro olhar sobre o time, que não é o olhar profissional, e isso nos coloca todos no mesmo bolo, assim, de todo mundo

pensa igual, todo mundo faz igual, todo mundo age igual, e eu tenho cuidado muito grande com relação a isso, eu tenho o meu time do coração, que é o Novo Hamburgo, mas as pessoas não acreditam, e enquanto isso eu vou trabalhando nos dois clubes, sobre os dois clubes, como um todo, e sem nenhuma expectativa e perspectiva de me identificar com um lado ou outro, porque eu não estaria sendo verdadeira com as pessoas, e nem comigo mesma, né?

5- Acha que as redes sociais são essenciais para o crescimento profissional hoje em dia? Como tu usa o Instagram, por exemplo?

Sim, eu acho que as redes sociais, elas têm um papel fundamental hoje, é uma proximidade que se tem com o público né, mesmo que tu esteja em um veículo formal, tradicional, a rede social, ela te aproxima, as pessoas hoje elas precisam desse convite de onde elas estão para chegar onde tu está e geralmente elas estão conectadas numa rede social, então é fundamental que tu tenha um trabalho ali que possa ou convidá-los para os teus veículos ou convidá-los para que eles fiquem ali no teu conteúdo e valorizem aquilo que tu está trazendo como informação, como notícia. Eu uso minhas redes sociais todas criando conteúdo, meu foco hoje é na humanização do esporte, eu faço vídeos relacionados a temas que envolvam o extracampo, o lado emocional dos atletas e é isso que tem sido a minha prioridade atualmente em todas as minhas redes sociais.

6- Hoje como jornalista esportiva, tu está realizada? Ou ainda busca alcançar algum objetivo?

Sobre a realização, né? Eu sempre fui realizada. Eu desde quando eu trabalhava lá na BCM, o 470AM, no Cantinho do Dial, eu já era feliz. Eu nunca fui criando ambições, né? Buscando outras oportunidades. As oportunidades é que foram surgindo graças àquela valorização que eu dava para o momento em que eu estava vivendo e para o lugar em que eu estava inserida.

Então, todas as oportunidades que eu recebi foram incríveis. Eu acho que não ficou nada para trás e tudo que vem, né, a cada dia e que surge como nova possibilidade para mim já é uma realização também.

7- Ser mulher no meio futebolístico não é fácil, quais as maiores dificuldades que tu já enfrentou?

Com relação a ser mulher, eu sempre digo que é muito difícil esse meio, a gente tem que desbravar vários caminhos, mas para mim uma cena muito emblemática foi logo no início da minha carreira, eu ia fazer minha primeira viagem para fazer um jogo da série B do Campeonato Gaúcho, o jogo seria lá em Carazinho, e o meu chefe veio

me chamar dizendo que eu não iria mais, porque a esposa de um colega meu da rádio não queria que ele viajasse comigo, na época eu tinha 17 anos, foi quando eu comecei, e acho que foi a minha primeira situação de preconceito relacionada ao futebol e ao meu local de trabalho como jornalista, e não foi de um homem, foi de uma mulher que não estava se sentindo confortável que eu fosse viajar com o marido dela, então às vezes o preconceito não vem só por parte dos homens né, a gente precisa entender isso.

8- Qual momento mais marcante na tua carreira?

Tive muitos momentos marcantes, né, mas acho que no Mundial de 2006, quando o Inter foi campeão do mundo pela primeira vez, eu estava recém chegando na RBS TV, eu tinha feito a Libertadores pela Band, e o Mundial eu fui contratada pela RBS TV, e eu entrei ao vivo com

Galvão Bueno, né, no show do intervalo, antes do jogo, depois do jogo, pra fazer a festa da torcida colorada, acho que foi a primeira ficha que caiu, meu Deus, o que está acontecendo, né, porque foram muitos, muitos, muitos sacrifícios, nossa, a gente teria que ficar muito tempo conversando pra eu contar todos os sacrifícios que eu enfrentei e vivi pra poder chegar naquele momento ali com ele.

9- Tu é inspiração e referência pra muitas estudantes de jornalismo. Qual dica tu deixa pra quem quer seguir a carreira no meio esportivo?

Eu acho que o que eu deixo de maior dica e sugestão para as meninas que queiram seguir nessa área do jornalismo esportivo, é que elas queiram ser jornalistas esportivas. Elas vão ter o mesmo compromisso com a informação que os homens, elas vão ter a mesma responsabilidade que os homens, elas vão ter a mesma oportunidade de mostrar o melhor delas que qualquer um. Então que onde elas estiverem, seja no canal delas, seja na radiozinha do interior, seja numa emissora grande que elas façam o melhor, porque alguém tá vendo e alguém vai dar a oportunidade que elas cresçam.

ENTREVISTA MYLENA ACOSTA

1- Quando tu viu que queria ser jornalista? Tu já imaginava ficar no meio esportivo?

Na verdade, eu não sabia que eu queria ser jornalista. Eu sabia que eu me comunicava muito bem, eu gostava muito de falar e de ter sempre as informações para conseguir me comunicar com os meus amigos, as minhas rodas de conversa, reuniões familiares, enfim. Isso desde criança, assim. E aí, quando a gente vai chegando naqueles momentos mais decisivos da escola, eu tinha que decidir o que

eu ia fazer da faculdade. E, por incrível que pareça, eu entre o ensino fundamental e o ensino médio, eu passei para o curso técnico de edificações, que é algo que envolve depois engenharia civil, arquitetura, enfim, para fazer aquele ensino técnico. E eu acabei não cursando, porque, enfim, passei, mas algo me fez entender que eu precisava fazer o curso normal, digamos assim do ensino médio e foi então no meu segundo ano que surgiu na minha cabeça que eu poderia fazer ou educação física ou jornalismo e muito porque eu gostava assim muito do esporte né não era uma ótima atleta na escola mas gostava muito de esporte era um momento mais de lazer assim então eu fiquei entre essas duas faculdades tanto que né minha primeira opção foi jornalismo e minha segunda opção no Enem foi educação física então eu meio que me imaginava já nesse meio já respondendo a segunda pergunta em relação ao meio esportivo porque já nesse momento de querer ser jornalista o esporte também já falava mais alto.

2- Conta um pouco o que tu fez até conseguir entrar na RBS e como conseguiu entrar pro time de esportes em GZH?

Bom, a minha trajetória pra chegar na RBS, mais específico no setor de esportes, ela é bem louca e bem longa também. Mas, né, eu sou de Pelotas, então eu fiz a minha faculdade na Universidade Federal de Pelotas e logo no segundo semestre surgiu a oportunidade, ou melhor, surgiu uma vaga, né, que eu tinha visto para ser jovem aprendiz na Unimed. Aquele momento que a gente está juntando uma graninha e que começa a ter um pouco mais de responsabilidade, então eu me candidatei para a vaga, passei no processo seletivo e daí fui indicada para ser jovem aprendiz no setor de comunicação, né, principalmente por conta da minha faculdade. Então eu comecei como jovem aprendiz e lá na Unimed eu fiquei durante cinco anos e meio. Foi uma trajetória bem longa, que eu fiz assessoria, né, assessoria de comunicação, então eu passei de jovem aprendiz, fui estagiária por um tempinho. E depois fui efetivada ainda quando eu tava na faculdade pra ser assistente de comunicação e depois coordenei o setor de sustentabilidade que fazia essa ligação de sustentabilidade com a comunicação em si. Só que nesse meio tempo eu sabia que eu queria o esporte, mas a gente tem várias responsabilidades na vida, né, a partir do momento em que a gente entende o nosso universo e precisa entender as nossas responsabilidades financeiras, inclusive, eu sabia que eu precisava daquele emprego, mas que eu também queria trabalhar no esporte, que as pessoas precisavam me ver nesse sentido. Então, paralelo à assessoria de comunicação, eu comecei a fazer trabalhos voluntários no esporte com portais, né, eu participei durante um ano, na verdade dois

anos quase, do portal Jogando Com Elas, que era um portal de uma universidade aqui de Porto Alegre, quando eu vim fazer um curso aqui em Porto Alegre sobre esporte, eu conheci o pessoal do Jogando com elas, trabalhei com eles, fui redatora, redatora-editora e depois apresentei um programa e isso me abriu portas, assim, isso me abriu portas inclusive para eu fazer conteúdos para as minhas redes sociais, que daí vem o grande pulo do gato, que é nas minhas redes sociais, que as coisas acabam acontecendo. Bom, eu tava, eu tive a oportunidade, né, me formei, continuei na Unimed por mais um tempo e aí surgiu um outro convite para participar de um outro processo seletivo de uma agência global de marketing e tecnologia e essa agência trabalhava, essa vaga, desculpa, trabalhava com várias contas, então trabalhava com contas, por exemplo, de Sport TV, Electrolux, enfim, mas me chamaram pra essa vaga porque tinha essa conta de Sport TV, eles precisavam de alguém que gostasse minimamente de esporte para conseguir dar conta do cliente, passei, fiquei lá durante oito meses e aí, vou voltar um pouquinho para contar isso, quando surgiu essa vaga, ao mesmo tempo surgiu uma vaga da RBS TV lá em Pelotas para vaga do esporte. Então o coordenador, o diretor na verdade, o responsável de esporte me ligou aqui de Porto Alegre, me ligou para dizer que tinha essa vaga, que ele tinha visto meu perfil, enfim, e que ele gostaria que eu fizesse um teste lá na TV. Eu fiz o teste, não passei e tudo bem, vida que segue, né? Fiz essa parte dentro da agência global e oito meses depois surgiu a vaga aqui em Porto Alegre, para onde, para essa vaga que eu ocupo hoje, né? E o mesmo coordenador, o mesmo gerente me ligou para dizer que tinha essa vaga e se eu gostaria de me candidatar e então cá estou há quase dois anos, completo dois anos no cargo em março de 2024, enfim, é um pouco mais ou menos essa minha trajetória, nesse meio tempo antes de entrar na RBS por conta do jogando com elas eu fui convidada pra ser frila no peleja que é um canal áudio visual incrível os caras são de São Paulo, eu fiz dois vídeos pra eles e depois eles me contrataram por um tempo também pra ser social media das redes deles, enfim, então tudo meio que se entrelaçou foi tudo ao mesmo tempo uma trajetória muito louca meio longa mas são mais ou menos os meus pontos pra ter chego nos esportes de GZH

3- Como foi o teu início? Sofreu algum preconceito por ser nova e mulher, trabalhando em meio a tantos homens por causa do futebol?

Bom, o meu início foi bem tranquilo, assim, é claro, dá aquele medo, né, aquela tensão assim de chegar numa redação tão grande, mas realmente é um ambiente majoritariamente masculino, porém temos, o número de mulheres tem crescido cada vez mais e isso me deixa muito feliz e orgulhosa, quando eu cheguei já tinham

algumas meninas e junto comigo chegaram mais duas, né, na mesma época e depois o time foi crescendo nesse sentido, mas foi um momento acolhedor, assim, a gente sente aquela tensão assim dentro da redação, mas ali todo mundo está em sintonia e é perceptível o quanto se entende que existe uma obrigação muito grande de termos mais mulheres nas redações.

4-Quais as mudanças que tu vê hoje no meio esportivo, como a representatividade da mulher aumentando por exemplo.

Claro, mudou muito e precisa mudar ainda mais, mas já mudou muito, principalmente pela obrigação que se tem de entender que o espaço do meio esportivo é o espaço para mulheres, seja para comentar o futebol masculino, outros esportes olímpicos, enfim, para comentar o futebol feminino também, mas que se entenda que esse espaço esportivo também é da mulher. Mas hoje já se vê uma mudança, inclusive para que outras mulheres se sintam impulsionadas por ver o que está acontecendo né as redações que, como eu falei, elas ainda são majoritariamente masculinas, mas que existe o caminho para se tornarem igualitárias, pelo menos um metade, metade do número de participando de redações e dando os seus comentários e fazendo narrações e ocupando os mesmos espaços que, na história do futebol e do esporte, sempre foram ocupados por homens.

5- O que tu acha sobre jornalista revelar o time? Tu já revelou o teu?

Sobre revelar o seu time, eu não vejo muito problema, sinceramente. Acho que tem que se entender a parte profissional e a parte torcedor, desde que uma não atrapalha a outra eu acho que isso não teria problema nenhum, mas a gente sabe que a realidade não é essa, né? Tanto o grupo RBS quanto outros veículos de comunicação adotam essa postura de não revelar, dos comunicadores não revelarem os seus times, para que realmente não se tenha essa desavença, para que os torcedores não falem ou A ou B ou enfim, e isso acabe sendo tendencioso dentro da cobertura jornalística, né? A gente sabe que aqui no Rio Grande do Sul são dois clubes que têm a maior rivalidade, Grêmio e Inter, mas lá para cima, no centro do país, os jornalistas já revelam mais seus times porque são outras rivalidades, né? A gente tem outros clubes grandes nesse sentido. Tem Corinthians, tem Palmeiras, tem Fluminense, quando a gente fala do Rio de Janeiro, Fluminense, Flamengo, enfim e daí tem esse macro de possibilidades e eu acho que pelo menos é o que parece vindo daqui de que os torcedores são mais tolerantes a esse sentido, mas aqui no Sul não acontece isso. Eu nunca revelei o meu time, ainda não revelei o meu time, meu time da capital, mas eu sou Brasil de Pelotas, né? Eu torço pro Xavante desde sempre,

frequentei quando morava em Pelotas as arquibancadas do Bento Freitas, então sempre que perguntam pelo meu time eu falo que eu sou Xavante e fica tudo certo assim, contando um pouquinho mais de bastidor com os torcedores.

6- Acha que as redes sociais são essenciais para o crescimento profissional hoje em dia? Como tu usa o Instagram, por exemplo?

As redes sociais são essenciais, né? Principalmente porque é o meu trabalho, eu sou repórter de redes sociais, né? Um cargo que há tempos atrás, talvez a gente nem imaginasse que pudesse existir, mas é um cargo muito direcionado e específico para redes sociais. Então, sim, eu acredito muito que elas servem para impulsionar e também para dar oportunidade para o trabalho ou para as pessoas se mostrarem quando elas, ou já estão em um veículo grande, ou estão em algum veículo, ou querem falar um pouco mais sobre o trabalho delas nas redes sociais, que foi exatamente o que aconteceu comigo, assim, e além de tudo, é ali que as pessoas podem te conhecer um pouco mais fora do que tu faz no trabalho, né? Por exemplo, pra mim que trabalho dentro dos estádios e tal, as pessoas talvez me conheçam como a Milena de dentro do estádio, que vai na arena, que vai no Beira Rio, mas ao mesmo tempo eu sou a Milena que também tem outras funções, né? Eu não estou somente no estádio, eu também às vezes de vez em quando escrevo algo para GZH, participo na rádio, ou enfim, então eu acho que é importante para as pessoas conhecerem o profissional também em outros âmbitos e também na parte pessoal, então eu diria que hoje as redes sociais elas são extremamente importantes.

7- Hoje como jornalista esportiva, qual objetivo tu busca alcançar?

O meu objetivo como jornalista esportiva, vai ser um pouco clichê o que eu vou falar, mas é que as pessoas consigam perceber ou sejam informadas do quanto o futebol continua conectado com a nossa sociedade. Apesar de ser um momento de lazer de muitas pessoas, coisas que acontecem no futebol e no esporte, elas pautam também a nossa vida. Então talvez esse seja o meu objetivo, fazer com que essas informações cheguem em mais pessoas. Para que mais pessoas tenham acesso à informação sobre o esporte, sobre o futebol, sobre tudo que permeia esse grande espaço que é o jornalismo esportivo. E claro, poder ocupar mais lugares né. Eu adoro as redes sociais e gosto muito do trabalho que se exerce ali, de entender, principalmente, que é um novo meio, é uma nova possibilidade, que na verdade nem é tão nova assim, das pessoas se comunicarem. Mas, poxa, a gente tem a rádio, a gente tem o jornal impresso, a gente tem a TV, tem várias possibilidades dentro do jornalismo esportivo e eu acho que a grande chave tá em conseguir ser uma

profissional multimídia. Então, é isso, esse é o objetivo, o que eu busco alcançar ainda dentro do jornalismo esportivo.

8- Qual tu acha que é a importância de movimentos contra o preconceito, assédio e machismo contra as jornalistas mulheres, assim como o “#DeixaElaTrabalhar”, por exemplo?

Extremamente importante, extremamente importante. Tem uma coisa que eu acho que é importante dizer que é, existe a pauta que a gente trabalha, mas existe o meio em que a gente trabalha. E como né, eu já falei aqui, o meio esportivo é um meio machista, porque ele é construído por homens, e hoje se tenta se quebrar um pouco do que essa construção que vem de muitos anos, né, que vem desde que o mundo é mundo, como a gente fala. O Deixa Ela Trabalhar é um recado tanto para pessoas que trabalham com a gente, quanto para torcedores, quanto para outras pessoas que fazem parte, torcedores, jogadores, equipe técnica, enfim, outras pessoas que fazem parte do meio jornalístico. A gente não fala só para um público, mas fala para todo mundo. E fala também para pessoas que não fazem parte do esporte, para dizer. O quanto a gente está só exercendo o nosso trabalho, a gente só quer trabalhar, a gente não quer ser vítima de algo nunca na vida, a gente não quer ser vítima de preconceito, de assédio, de racismo, de machismo, a gente não quer que esse espaço do esporte seja pautado por essas coisas, a gente quer só fazer o nosso trabalho. Então a importância das mulheres se unirem nesse sentido, das pessoas negras se unirem nesse sentido, mas que elas tenham apoio das pessoas que não fazem parte desse núcleo, desses núcleos dentro do esporte, ele é extremamente relevante, importante, ele precisa ser pautado, ele precisa ser dito, ele precisa ser reforçado diariamente. Então os movimentos são importantes para que diariamente isso não aconteça, não só quando acontece determinado movimento, determinado projeto, determinada campanha, mas para que aquela campanha impacte diariamente no jornalismo esportivo em si, no meio esportivo em si.

9- Ser mulher no meio futebolístico não é fácil, tu já passou por alguma situação que queira compartilhar?

Realmente não é fácil. Ser mulher no meio futebolístico não é nada fácil. Eu sou uma pessoa que fala muito com a torcida, né? Então eu tenho contato com muitas pessoas e eu já partilhei, claro, né, com os meus colegas de trabalho, com a minha chefe principalmente. Eu já passei por algumas situações de assédio nos estádios, assim, de o torcedor que levanta mais a fala, que faz a piadinha, que na verdade a piadinha a gente chama de assédio verbal, né? Então já passei por essa situação e é

complicado, sim, porque quando aconteceu eu tive o total apoio e aporte, né, de quem eu precisava, de quem eu contei logo na hora, assim. Mas a gente se sente insegura e é por isso, inclusive, que cada vez mais, se for possível, se a gente conseguir falar, se a gente se sentir confortável e segura para dizer, quando acontecem essas situações, as coisas precisam ser ditas para que, enfim, medidas cabíveis sejam tomadas ou para que se tenha a ideia, cada vez mais, de que esse é o meio. Mas, assim, não é uma obrigação. O que precisa ser feito é se sentir no ambiente confortável, ou seja, o ambiente se tornar confortável para as mulheres trabalharem, para as mulheres compartilharem, caso aconteça algum caso mais forte de assédio, preconceito, enfim. Mas, sim, já aconteceu não é nada fácil, mas a gente precisa ter essa consciência de que partilhar, as pessoas que estão ali são pessoas que a gente pode partilhar pra pelo menos se sentir segura nesse sentido.

10- Qual momento mais legal ou emocionante na tua carreira até agora?

Nossa! Que pergunta difícil, tá? Momento mais legal, assim, tiveram vários momentos legais, até aqui foram muitos momentos legais, assim, muitas oportunidades incríveis que eu tive. Acho que as coberturas em geral dos jogos, elas são muito legais, porque, poxa, tu convive, tu vê os jogadores de perto, tu entende como funciona o zomista, os repórteres. A cobertura do jogo é muito legal, os jogos muito importantes são legais, então títulos, jogos extremamente importantes, decisões, a Libertadores é algo incrível, assim, realmente o sentimento de uma Libertadores é diferente, porque são clubes de fora, né? Tem toda uma atmosfera da Libertadores que é surreal, assim, mas estar no campo, né, quando o Grêmio foi campeão gaúcho, também é muito legal, porque tem a volta olímpica né com o caneco, assim, é muito massa. Mas tem dois momentos muito emocionantes, talvez, na minha carreira, ou no meu momento até aqui, né, que foi a entrevista com o Tite, o técnico da seleção passou por Porto Alegre no ano passado, né, pra fazer essa, pra fazer o Media Day, antes da Copa do Mundo, e eu tive a oportunidade de estar na mesma sala que o Tite duas vezes, né, foram duas entrevistas que eu fiz a cobertura das redes sociais, tanto pela Rádio Gaúcha, quanto por GZH, e foi uma oportunidade sensacional, assim, de ter conhecido o técnico da seleção brasileira e um dos maiores técnicos do Brasil. Também entrevistei o Cafu, né, um momento histórico, o capitão da conquista, de uma das conquistas mais importantes pra seleção brasileira, e foi muito legal poder ter esse contato com ele, assim, de ter o cara ali pertinho né, num outro momento, mas um cara muito marcado por ser o Cafu em si. Eu acho que é isso, acho que esses momentos foram muito legais, muito emocionantes, acho que nesse

primeiro momento são os que eu, são os que eu recordo, assim. E claro, teve um momento que foi muito especial, assim, que atinge um outro nível, que foi quando eu fiz uma matéria pra TV. Eu fiz um VT pro Globo Esporte contando a história da nossa galera, dos nossos colegas que foram viajar pro Catar, né, pra Copa do Mundo, e foi um VT que eu mesmo apresentei, então a realização de vários sonhos de aparecer na TV fazendo uma matéria, enfim, muitas pessoas me viram, então foi uma realização muito, muito legal que eu carrego com muito orgulho, assim.

11- Qual dica tu deixa pra quem quer seguir a carreira no meio esportivo assim como tu?

Olha, eu acho que eu daria duas dicas, tá? Uma é faz e a outra é estuda. A gente sabe o quanto as coisas não chegam de mão beijada, não chegam no nosso colo, assim, as oportunidades não surgem dessa forma, né? E muitas vezes a gente busca, busca, busca, busca uma oportunidade, uma chance de tanto que a gente batalha para as coisas acontecerem. Mas essas batalhas, elas precisam resultar, elas vão resultar numa oportunidade se a gente fizer, né? Se a gente deixar o medo de lado, deixar o receio de lado, ou for com medo, for com frio na barriga mesmo, assim. Tá com vontade de fazer? Ah, eu queria tanto falar sobre um jogo, mas não sei o que as pessoas vão pensar. Cara, faz, sabe? Pensa numa estratégia, pensa num formato que tu acha legal, pensa no jeito que tu quer mostrar para as pessoas. Se tu gosta de escrever, se tu gosta de falar, se tu gosta... e faz e estuda bastante, porque é um meio que precisa estudar bastante. A gente vive o esporte dia a dia, mas o futebol existe há muito tempo, então tem muita coisa pra aprender, a gente não vai aprender de uma hora pra outra, mas dentro do possível, tenta buscar conhecimento, tenta acompanhar programas esportivos, entender o meio em que tu tá pra poder te destacar de algum jeito. Sempre lidando com a realidade, sempre sabendo que as coisas não vão cair de mão beijada e que a gente tem que batalhar bastante. Então, estuda e faz que as oportunidades elas vão surgir. E acho que uma terceira dica é não desiste. Se é isso que tu quer, não desiste mesmo. Com todas as dificuldades, com todos os supercalços. Não desiste, porque se é o que tu realmente quer, se é realmente o que tu busca, vai acontecer. Vai acontecer, pode demorar um pouco mais, pode ser rápido demais, mas sempre pensa em ti, faça para ti, sem comparar a tua trajetória com a de outra pessoa. Faz, estuda e não desiste que vai dar certo.

ENTREVISTA EDUARDA STREB

1- Quando descobriu que queria ser jornalista? Já sabia que seria do esporte?

Sobre a escolha do jornalismo, eu brincava quando eu era criança com uma escova de cabelo na mão, na frente de um espelho, imitando repórter. E eu digo que essa brincadeira de criança virou paixão e depois virou profissão. Eu sempre gostei muito de ler, acompanhava TV, ficava me espelhando na Paola nessa galera aí ótima, imitava eles na frente do espelho. Eu costumava também pegar os livrinhos e passar a limpo na máquina do meu pai, que era um estudioso. Ele escrevia livros também na área da psiquiatria e eu gostava muito, né, mas eu pegava os meus infantis e passava a limpo na máquina. Então eu sempre tive muito, muito gosto por essa área. Então foi natural que eu escolhesse jornalismo, não teve nenhuma dúvida.

2- Como foi tua trajetória até entrar para o time da SPORTV?

Eu sempre fui muito focada, então eu recebi um convite de um professor da PUC para fazer um estágio na zero hora, ceder a gramadora, desenhar as páginas do jornal. Dali eu vi uma oportunidade, porque não era o que eu queria, eu queria ser repórter, mas eu achei que eu devia aceitar até para conhecer uma redação de jornal, que foi meu início. Daí em diante fiz teste de vídeo na TVcom, passei, fui para a RBS TV e não tinha vaga na reportagem, fui rádio escuta, até que chegou então a minha hora. Eu assumi então a reportagem de geral no início, até que eu fui convidada para ir para o esporte quando a Marjana Vargas saiu. E eu digo que foi um privilégio poder unir duas paixões, o jornalismo e o esporte. Eu sempre pratiquei tudo, adoro e foi uma baita oportunidade. Porque eu sempre achei que eu tinha que fazer diferente nessa área, justamente por ser mulher, por ter mais preconceito, por não ser tão aceito quanto os homens, eu precisava fazer algo diferente. Então ainda na RBS TV eu comecei a propor algumas matérias exclusivas e acabei fazendo no Barcelona com o Ronaldinho, no Milan com o Alexandre Pato e comecei a me destacar nessa área que é dominada por homens, hoje até melhor, mas na minha época mais ainda, e com esse destaque o Sport TV me chamou para ser repórter especial, eu me mudei e fui para o Rio de Janeiro e eu fazia a cobertura dos grandes eventos, dos eventos internacionais. Daí que eu fiz Olimpíadas de Pequim na China, Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, Copa do Mundo, Libertadores, Mundial de Atletismo, Final do Campeonato Português entre Benfica e Porto. Eu realmente voei muito alto no Sport TV até engravidar e mudar um pouquinho o ritmo de vida.

3- Conta um pouco sobre a copa do mundo de 2010 na qual tu foi escalada, mas abriu mão por um motivo super especial. Se arrepende?

Eu não me arrependo de absolutamente nada. Eu acho que tudo a seu tempo, eu aproveitei muito a minha carreira, eu me dediquei muito, eu abri mão de muita

coisa. E quando chegou a hora de eu ser mãe na Copa do Mundo, quando eu estava escalada para a África do Sul e eu ia fazer também os Jogos de Inverno, as Olimpíadas de Inverno no Canadá, foi quando eu engravidei da Luiza e ficou bem difícil de conciliar, até porque a vida de repórter não tem rotina, né? Especialmente no Sport TV eu ficava viajando o mundo, eu desmamei a Luiza com oito meses, eu fui para os Emirados Árabes, cobri o Internacional no Mundial, depois eu fiz seleção brasileira, Copa América na Argentina, fiquei longe dela também. Então, chegou uma hora que eu disse, eu quero ser mãe, acho que já fiz bastante, fui muito realizada, então quando completou meu ciclo de 20 anos de TV, eu decidi então empreender, abrir a minha agência de comunicação e hoje a gente reúne na Duda Strab Comunicação, assessoria de imprensa, gestão de redes sociais, mídia training, um pouquinho de tudo dessa área aí apaixonante da comunicação.

4- Durante todos esses anos no meio esportivo, tu acha que a representatividade feminina foi aumentando no jornalismo?

Quanto a esse universo masculino do esporte, eu meio que me acostumei com isso, né? Então eu sabia que eu não podia errar, porque se a mulher erra é porque não sabe, se o homem erra é porque ele se enganou. Então sempre fui de estudar muito, de perguntar muito, de querer estar perto até dos meninos para que eles pudessem me ensinar também, porque afinal de contas a gente, quando bebê a gente ganha uma boneca, eles ganham bola e já saem correndo atrás, então eles têm muito mais vivência, né? Então eu procurei estar sempre à altura, mesmo sabendo que não era fácil, né? E que a gente nunca seria igual a eles. Hoje eu acho que está mais aceito, até porque o número de mulheres aumentou, a nossa voz ficou mais forte, o nosso poder de fala, o nosso pertencimento também, então. Hoje a gente tem narradora, tem comentarista, mulher, tem árbitra, isso é muito legal, mas eu ainda acho que tem um machismo velado, um preconceito, escondido, porque hoje fica muito feio desses caras falarem ou de alguém falar algo, de algo que não cabe mais na nossa sociedade com tanta evolução das mulheres.

5- Sabemos o quão difícil é ser mulher e ter que “provar” certas coisas no ambiente de trabalho, as vezes o preconceito vem dos próprios colegas. Durante um programa da Rádio Gaúcha em 2018 tu foi alvo de uma piada machista onde um jornalista disse que tu deveria “voltar para a cozinha”. Tu acha que é necessário uma penalização para que isso não seja recorrente? O que deve ser feito?

Eu sofri vários casos de discriminação, preconceito, machismo, mas se você quer sobreviver nessa área, no meu caso, eu tinha que ficar quieta, eu tinha que continuar. Então, a gente meio que se blinda dessas ofensas desse machismo que é estrutural e vai para frente. Então, em vez de eu ficar ouvindo isso e dando palco para essa gente, eu segui a minha carreira e assim eu consegui levar adiante, mas é muito difícil. Eu só fui sentir isso na pele quando eu estava no rádio, que tem esse programa que você sabe aí do sala, que você citou, e eu sofri ali, ao vivo, uma situação bem constrangedora. E ali eu te digo que doeu, porque eu acho que eu não tinha mais aquela armadura que eu me acostumei a usar no dia a dia do jornalismo esportivo. Eu estava ali por merecimento a convite da Rádio Gaúcha e de repente tu ouve aquilo ali e dói porque eu trilhei um caminho tão arduo e tão longo pra chegar onde eu cheguei e eu tava lá por mérito. Então ali eu senti mais do que nunca, eu realmente senti. E pra gente coibir eu acho que é isso, acho que é a gente falando, é a gente não aceitando. Teve uma grande repercussão no Brasil, as mulheres não aceitaram isso. Então acho que é uma maneira da gente se unir também e lutar por esse nosso lugar, porque é nosso lugar, né? A gente não quer tirar o lugar de ninguém, a gente só quer ocupar o nosso lugar.

6- Após anos na TV, tu decidiu investir no próprio negócio abrindo uma assessoria de comunicação. Conta um pouco como foi tomar essa decisão?

7- Tem algum objetivo profissional que tu ainda queira alcançar?

Eu pretendo fazer muitas coisas ainda dentro dessa área de comunicação. Eu acho legal porque eu tô aprendendo também num outro universo, do outro lado do balcão, porque eu já passei por redações de jornal, rádio e TV e pela primeira vez como assessora eu tô do outro lado, tô longe dos holofotes, então é uma experiência super legal, enriquecedora. Eu tô adorando esse novo momento, até de empresária, que eu não tô acostumada. Não tava acostumada, mas já faz oito anos que a minha agência existe, então hoje eu me sinto mais segura até.

8- Quais as melhores lembranças que tu tem na tua carreira pela TV?

As lembranças da TV são as melhores. Eu sinto falta hoje somente de trabalhar em grupo, sinto falta dos meus amigos, mas eu ainda tenho contato. Eu não sinto falta mais daquela rotina ou da falta de rotina de um repórter. Eu acho que tem uma idade que você quer mais o conforto e a gente não tinha muito, né? A vida de repórter é vida louca. Então eu amava isso, mas hoje eu prefiro ficar mais no sossego.

9- Tu é uma colorada assumida. O que acha da ideia que jornalistas não devem manifestar seu time?

Sobre declarar time, continuo acreditando que não é o melhor para quem trabalha em veículo, para quem se expõe, para quem vai para o meio da torcida, como nós repórteres íamos, porque o torcedor é passional, ele é um cara apaixonado demais, então para ele não interessa se você está sendo profissional ou não. Para nós isso é fundamental, a gente quer o sucesso, dentro da área que a gente escolheu dessa carreira. E o sucesso passa pela isenção, se você quer trabalhar no esporte, você tem que esquecer seu clube do coração, eu fui lembrar agora, depois que eu saí da TV, é incompatível isso. Então a gente lida muito bem com isso, o torcedor não. Então o melhor é não dar mole não, a gente percebe que hoje todo mundo está declarando, mas são jornalistas. Que já saíram dos veículos né então é mais tranquilo de se assumir eu também na minha rede é bem tranquilo mas eu já tomei pedrada em Grenal já fui atacada o meu carro já foi atacado por chutes e pontapés já tentaram virar o nosso carro numa saída de Grenal então são riscos que o jornalista não precisa correr né e acho que se declara time é pior ainda porque o torcedor não consegue separar muito não.

10- Tu é inspiração e referência pra muitas estudantes que querem seguir a carreira de jornalista. Tem alguma dica ou orientação que possa dar?

Dica, eu diria pro estudante, pra quem sonha com essa carreira, acreditar nas pequenas possibilidades. Eu sempre fui de aproveitar qualquer trezinho que passava na minha frente, do Jornal de Bairro a Globo News, qualquer possibilidade, chance de aprender, de fazer relacionamento, de me mostrar, eu aproveitei. E eu acho que isso foi fundamental pra que eu crescesse. Faltava repórter e eu ia, faltava gente no final de semana, na zero hora, e eu me apresentava. Eu sempre me mostrei muito disposta a aprender, a crescer, a evoluir, eu acho que isso as pessoas percebem e acabam nos dando mais chances. Aproveitar, não ficar escolhendo, isso eu gosto, isso eu não quero, não, acho que no início a gente tem que ser pau pra toda a obra, quanto mais completa jornalista melhor, então hoje não adianta eu só falar de assessoria, eu preciso estar conectada nas redes sociais, eu preciso oferecer algo mais para o meu cliente, conexões com influenciadores e eu acho que o jornalista ele precisa estar antenado nessas mudanças que ocorrem o tempo todo, então eu diria que aproveitem as oportunidades que aparecem por menores que possam ser, mas dali pode estar o teu futuro.

ENTREVISTA ESTHER FISCHBORN

1- Quando tu viu que queria ser jornalista? Tu já imaginava ficar no meio esportivo?

Eu não sei exatamente quando que eu quis ser jornalista, quando que eu vi que eu queria ser jornalista. Na verdade, isso meio que sempre teve em mim. Sempre quis trabalhar com esporte, sempre quis trabalhar com futebol, sempre fui muito fã de futebol.

Sempre fui muito em estádio com a minha mãe, com meus tios, com meus primos, então isso sempre pareceu uma escolha óbvia para mim, que eu queria trabalhar com o esporte, eu gostava muito de escrever e isso pareceu natural, pareceu uma evolução natural do momento que eu saí do colégio para a faculdade, cheguei inclusive a fazer cursinho antes de entrar na faculdade, cursinho pré-vestibular, então sempre foi algo que eu sempre quis, sempre desde muitos anos eu quis estar no meio, estar no estádio, fazer isso como uma forma de viver.

2- Conta um pouco o que tu fez até conseguir entrar na RBS e como conseguiu entrar pro time de esportes em GZH?

Para eu conseguir chegar na RBS, para eu conseguir entrar para o time de esportes em GZH, foi uma estrada longa, foi difícil, e o esporte, o mundo do futebol, do meio esportivo é muito difícil para nós mulheres, para a gente conseguir entrar, não é uma coisa natural que a gente vai se candidatar na primeira vaga de estágio e vai conseguir. Então eu demorei um pouquinho para conseguir entrar no jornalismo esportivo. Eu comecei uma maneira natural que quase todo estudante de jornalismo passa, que é trabalhar em assessoria, depois eu fui começar a trabalhar em redação em 2014, em 2015, na verdade, final de 2014, início de 2015, na Record, na TV, aqui em Porto Alegre, e nesse momento eu trabalhava raras vezes com o esporte, apenas quando a produtora do esporte precisava de folga ou fazia alguma outra coisa e aí eu cobria ela. Mas antes disso, eu só trabalhava com o jornalismo geral, trabalhava com o jornalismo policial, na verdade, que era o balanço geral, eu era produtora, então nesse início de pré-carreira, né, não sei se a gente pode dizer que é uma carreira, mas nesse início foi o que eu fiz. Depois eu ainda tranquei a faculdade por dois anos, eu tive alguns problemas de saúde na minha família, de financeiro, então eu precisei trancar a faculdade por dois anos, voltei a estudar em 2020, e aí em 2020, sim, eu já trabalhava meio que independente no meio esportivo, eu comecei trabalhando numa rádio web, que era inclusive chamada rádio web independente, e aí eu fazia redes sociais, fazia um pouquinho nos jogos de torcida, e aí que eu comecei mesmo de vez a trabalhar no meio esportivo. Passei a trabalhar ainda em 2020, logo no início da

pandemia, com um site, um portal chamado SportNewsMundo, e aí eu era setorista, eu trabalhava como setorista cobrindo o gremio, e aí eu tinha mais o dia-a-dia do futebol e foi através desse trabalho, que era meio que um freela, que eu consegui o estúdio na Band, e aí na Band que realmente eu comecei a trabalhar apenas com jornalismo esportivo.

Desde o meu primeiro trabalho no esporte, na rádio web independente, eu já cobri um pouco do futebol feminino, depois passei a cobrir também pelo Sport News Mundo, comecei também a escrever para o site Foot das Minas, que cobre só o futebol feminino, e aí na Band, quando eu consegui meu estágio na Band, eu comecei a cobrir também só pela Band Futebol Feminino, e aí na Band eu era a única mulher na equipe de esportes por muito tempo e aí eu era a única também a cobrir o futebol feminino, a ir nos jogos cobrir o dia a dia dos dois clubes, o Grêmio e do Inter, no feminino, e foi isso que consegui fazer com que eu tivesse destaque no meu trabalho na Band. Eu era produtora, repórter, saí do estágio, fui contratada como produtora quando eu me formei, em 2021, e trabalhei como repórter, depois fazendo reportagens para o jogo aberto, para o esporte total, entrando na programação da rádio e também na programação local da TV, e cobrindo o futebol feminino, que foi onde eu tive mais destaque na carreira, se é que a gente pode falar assim, né, indo para São Paulo, cobrindo a final entre Inter e Corinthians, foi uma experiência muito legal e foi aí que eu tive a oportunidade de entrar para o esportes GZH.

3- Como foi o teu início? Sofreu algum preconceito por ser nova e mulher, trabalhando em meio a tantos homens por causa do futebol?

4-Quais as mudanças que tu vê hoje no meio esportivo, como a representatividade da mulher aumentando por exemplo.

Eu acho que toda mulher que trabalha no esporte em algum momento sofreu algum preconceito por ser nova, por ser mulher. No início eu tinha muito isso, ai, gureazinha, gureazinha, eu era muito chamada de gureazinha, de menininha e eu tenho uma imagem de uma menina mais nova, mas eu tenho 28 anos e eu tenho experiência e as pessoas sempre, as pessoas não né, muitos homens sempre diminuíram essas minhas experiências, me rebaixando a uma menininha que começou ontem e tudo mais e eu não via esse mesmo tipo de tratamento com meus colegas homens, às vezes até mais novos, com menos experiência que eu, mas eram tratados com muito mais respeito. Então no início eu sofria assim, preconceito não só de colegas do mesmo veículo mas também de pessoas de fora, pessoas que se achavam no direito de ir nas minhas redes sociais diminuir as minhas opiniões pela

minha idade ou pelo meu gênero. Eu vejo algumas mudanças hoje, principalmente em questão de gestão. Vejo muitas empresas preocupadas em ter mulheres em cargos importantes no microfone, falando no microfone, dando opinião, como repórter, comentarista, que eu não via há sete anos atrás quando eu comecei. Então, eu acredito que isso... Sim, algumas empresas de repente começaram até obrigadas a ter essa representatividade, mas hoje eu vejo muito gestor preocupado com essa mudança, com esse respeito para a mulher dentro do esporte.

5- O que tu acha sobre jornalista revelar o time? Tu já revelou o teu?

Eu não exponho o meu time, eu acho que isso pra mim que estou começando é importante as pessoas criarem uma credibilidade comigo, criarem uma confiança comigo, mas no mundo ideal não teria problema porque a gente que trabalha dentro de uma redação a gente sabe como todo jornalista esportivo começou a querer ser jornalista esportivo por amar o seu time do coração, por enquanto eu não revelo o meu um dia talvez e acho que isso não atrapalha tanto na hora da nossa cobertura, na hora do nosso dia a dia porque realmente é um dia a dia super corrido que a gente não tem tempo para pensar nesse tipo de coisa, às vezes durante o jogo do nosso time do coração ou do nosso rival a gente está tão preocupado em fazer um trabalho certinho, em entregar um conteúdo legal que a gente não se preocupa mais com rivalidade, a gente não vai perdendo também isso conforme os anos, isso é uma coisa que eu senti apesar do pouco tempo que eu estou trabalhando com jornalista esportivo. Jornalismo esportivo, isso é algo que eu senti, mas algo que os meus colegas mais velhos me dizem isso. Eles me dizem, eu ouço isso, de caras realmente com um assunto que, por exemplo, eu cito o exemplo do Zé Alberto Andrade, repórter aqui da Rádio Gaúcha, que cobre a seleção brasileira, ele cobre o dia-a-dia da dupla Grenal, ele é um cara que eu nunca descobriu o time dele, e ele me diz isso não importa, Estherzinha, isso não importa. E realmente, isso a gente aprende que não importa, depois de um tempo a gente acaba se desapegando disso. Um dia talvez eu revele, mas acho que isso vai demorar muito tempo ainda.

6- Acha que as redes sociais são essenciais para o crescimento profissional hoje em dia? Como tu usa o Instagram, por exemplo?

Acho que as redes sociais são extremamente importantes para o crescimento profissional hoje em dia. A gente vê pessoas que trabalham com isso, que não estão trabalhando, por exemplo, para o grupo RBS, e usam muitas redes sociais a trabalho. Eu tento usar meu Instagram como forma das pessoas me conhecerem, se aproximarem de mim, tento responder todo mundo que me manda mensagem, porque

é importante que a gente crie uma conexão com a nossa audiência. E as nossas redes sociais são meio para isso. Às vezes tu ouve uma voz na rádio, vê um rostinho na TV, e a gente está tão acostumado a ver essa pessoa na TV, acordar de manhãzinha, ouvir essa pessoa dando uma notícia, que a gente cria uma relação com ela. Então quando a gente vai lá nas redes sociais dela e conversa com essa pessoa, a gente cria uma relação maior ainda, tende a acreditar mais, tende a ter mais credibilidade. Eu tento usar meu Instagram para isso, não só meu Instagram, meu Twitter, também eu tento usar para isso, para que as pessoas criem uma confiança em mim, criem uma credibilidade comigo, saibam o que eu estou fazendo e por que que eu estou fazendo. Acho extremamente importante as redes sociais para o crescimento profissional hoje em dia.

7- Hoje como jornalista esportiva, qual objetivo tu busca alcançar?

Hoje, como jornalista esportiva, eu ainda tenho muita coisa que eu quero alcançar, muitos sonhos, muita vontade, mas eu com certeza colocaria uma Copa do Mundo feminina e uma Copa do Mundo masculina na minha lista de maiores sonhos que eu tenho em cobrir com certeza. Mas, como eu disse, carreira curta ainda, muita coisa ainda para acontecer.

8- Qual tu acha que é a importância de movimentos contra o preconceito, assédio e machismo contra as jornalistas mulheres, assim como o “#DeixaElaTrabalhar”, por exemplo?

9- Ser mulher no meio futebolístico não é fácil, tu já passou por alguma situação que queira compartilhar?

Esses movimentos contra o preconceito, assédio e machismo, eles infelizmente ainda são necessários e são extremamente importantes. Ser mulher nesse meio esportivo realmente não é muito fácil. Todas nós já passamos por algum tipo de situação que gerou constrangimento, que deixou a gente mal. O que a gente faz é reportar para a nossa chefia, porque não tem muito o que fazer. Estádio é um lugar com muita gente. Às vezes a gente fica nervosa na hora e a gente não grava o rosto da pessoa que falou alguma coisa que a gente não gostou. Não tem muito o que fazer. O que a gente tem que fazer é usar esses movimentos para conscientizar as pessoas homens que o nosso lugar é ali, que a gente está fazendo um trabalho, que a gente precisa ser respeitada. Não só a gente merece respeito, a gente tem o direito de ser respeitadas então esses movimentos são importantes para isso. Já passei por várias, poucas e boas, como a gente fala né. Já passei por vários momentos que me deixaram mal, mas não tem muito o que fazer. A gente tem que, nós mulheres no meio esportivo,

a gente precisa muito andar unidas, ser nós por nós, porque normalmente é isso aí. Quando tem alguma coisa a ser feito, eu vejo muito isso todas as vezes que aconteceu, em todos os meus empregos, sempre foi muito amparada, sempre foi muito acolhida, mas muitas vezes não tem mais o que fazer além disso né.

10- Qual momento mais legal ou emocionante na tua carreira até agora?

O momento mais legal da minha curta carreira até o momento, com certeza foi a final do brasileirão feminino, os dois jogos, o que eu cobri no Beira Rio e o que eu cobri na Neo Química Arena, cobri como repórter de campo e foi com certeza a melhor experiência da minha vida. Eu nunca me senti tão feliz e aquele foi o alto da minha cobertura, o alto do meu trabalho, foi o momento que eu mais me dediquei, foi o momento que mais deu certo tudo, com certeza espero mais momentos como aquele.

11- Qual dica tu deixa pra quem quer seguir a carreira no meio esportivo assim como tu?

E a dica que eu deixo para quem quer seguir essa carreira é não desista, vale a pena, vale muito a pena, estude, trabalhe, se dedique, que com certeza os resultados virão. Com tempo, os resultados virão.

ENTREVISTA RENATA DE MEDEIROS

1- Como tu iniciou no jornalismo e conseguiu entrar no meio esportivo tão nova?

Eu iniciei no jornalismo muito cedo porque era sempre uma certeza que eu tinha desde muito criança. A primeira crônica de jogo que eu escrevi foi com 12 anos e desde então eu sempre disse que queria ser jornalista esportiva. Eu logo que terminei o colégio já iniciei a faculdade e no segundo semestre já estagiava na Rádio Guaíba como produtora de esportes e eu consegui ingressar no mercado de trabalho do jornalismo esportivo bem cedo porque como era algo que eu tinha certeza que eu queria seguir eu procurava estar sempre estar naquele ambiente de estádio de sala de imprensa então eu comecei a estagiar no portal de jornalismo da faculdade da ESPM e eu sugeria muitas pautas envolvendo futebol para estar em contato com a realidade que eu gostaria de depois ter como minha profissão. E numa dessas pautas, eu fiquei sabendo de uma vaga de estágio que estava aberta, pedindo uma informação para um jornalista. Eu me apresentei, falei que era estudante de jornalismo, que gostava muito de futebol e que estava ali para fazer uma pauta para a faculdade, e esse jornalista me disse, olha, tem um estágio aberto na Rádio Guaíba, pode ir lá e se candidatar. E desde então, desde outubro de 2011, eu estou empregada no jornalismo esportivo pelo fato de ter pedido uma informação para um jornalista numa porta de estádio. Depois de um ano de estágio na Rádio Guaíba, eu fui para a Rádio

Gaúcha, onde eu fiquei poucos meses, porque eu fui convidada para integrar a editoria de Copa do Mundo do Jornal Zero Hora. Então, desde fevereiro de 2013, eu pude acompanhar como assistente de reportagem já, mesmo estudante, eu já tinha sido contratada como assistente de reportagem, para acompanhar todas as obras da Copa que estavam sendo feitas em Porto Alegre, para receber o Mundial de 2014. Então, foi uma experiência muito legal e logo que eu me formei, eu já fui efetivada voltando a Rádio Gaúcha como redatora do site Futebol da Gaúcha, que depois foi incorporado pelo Gaúcha ZH, que virou uma coisa só, e eu virei produtora da Rádio Gaúcha e depois repórter de torcida e repórter de campo. Então, essa foi a minha trajetória enquanto eu estive em Porto Alegre, foi algo que realmente começou desde muito nova, eu recém tinha feito 18 anos e hoje que eu tenho 30, não passei nenhum dia fora desse ambiente que eu sonho desde os 12 anos.

2- Quais dificuldades enfrentou sendo mulher no meio futebolístico?

Acho que a grande dificuldade que as mulheres sofrem no jornalismo esportivo partem da desconfiança, então a gente tem que se preparar muito mais para poder falar e poder exercer a profissão que os homens exercem naturalmente. Acho que a gente tem menos tolerância ao erro, acho não, tenho certeza, então normalmente quando uma mulher erra alguma informação, se confunde, enfim, tem sempre aquele comentário, né, ah só podia ser mulher, ou viu o que deu botando mulher a falar sobre futebol e quando o homem erra, ele se enganou, ele pode voltar atrás, corrigir, tá tudo bem, ninguém se lembra mais que errou, etc, sobre a mulher tem um peso muito grande quando há algum erro, então acho que começa por aí. Dentro do jornalismo esportivo em si, acho que como as chefias ainda são majoritariamente masculinas e mais velhas, então tem um verso bem conservador, que sempre vão questionar a tua apuração, perguntar quem é a fonte, o que que tu fez para conseguir aquela informação, sendo que quando é um repórter homem não tem esse tipo de questionamento. Então eu identifico essas duas grandes diferenças no exercício diário da profissão, e também dentro dos clubes a gente vê que, isso não é regra obviamente né, mas tem muitas fontes, acho que uma das dificuldades que a gente como mulher enfrenta é isso, cultivar fontes, sem que essas fontes pensem que podem ter algo a mais contigo do que uma relação profissional. Então sempre vai ter alguma piadinha, alguma cantada. É isso que eu percebo, a gente tem que cuidar muito a maneira de falar, a maneira de se comportar pra não dar a entender que a tua fonte possa ter algo contigo, que tu tá dando abertura pra tua fonte. E os homens, nem passa isso pela cabeça deles, eles podem falar do jeito que eles quiserem, seguindo a personalidade

deles, etc. E a gente tem que tomar esse cuidado. Então aí também tem outra diferença do que a gente enfrenta dentro do jornalismo esportivo. Fora a visão do público, que realmente fica comentando muito a aparência, tem menos tolerância ao erro, cobra muito mais, presta muito mais atenção. Então, eu ainda enxergo essas resistências.

3- Em 2018 durante o exercício do teu trabalho tu chegou a ser agredida por um torcedor no estádio Beira-Rio, algo que ninguém imagina passar. Qual tua acha que é a importância de movimentos como o “#DeixaElaTrabalhar” pra que isso tome mais força a fim de evitar esse tipo de discriminação?

O Deixa Ela Trabalhar foi um movimento extremamente importante para que nós, mulheres da imprensa esportiva no Brasil, soubéssemos que a gente não estava sozinha, então aquele assédio que eu sofri no Beira Rio em 2018 foi uma situação que infelizmente outras mulheres já passaram em outros estádios do Brasil em mais ou menos intensidade, aquelas coisas que a Renata ouvia na redação, todas as outras jornalistas ouviam nas suas redações e à medida em que isso acontece, que tu consegue identificar outras pessoas que passam pela mesma coisa negativa que tu, rola um movimento muito legal de rede de apoio, que é uma pessoa que entende a tua dor te confortando sobre aquilo que tu passou. Então, acho que tem esse peso interno, pessoal e individual de cada uma que participou daquele movimento e tem também uma representatividade muito significativa, porque é um recado não só para os homens que trabalham com a gente, seja nas redações, seja nos estádios ou até mesmo o público, mas também para a próxima geração de jornalistas mulheres que vem se formando depois da gente, que vão encontrar um ambiente com certeza mais propício para a presença feminina. Era um dos nossos grandes objetivos que quem viesse depois da gente não enfrentasse barreiras tão fortes e tão resistentes como a gente enfrentou. Obviamente essas barreiras ainda existem, não vão ser quebradas do dia para a noite, mas elas têm mais possibilidades hoje em dia de serem quebradas e o movimento foi muito importante por isso. Obviamente, o movimento não vai mudar tudo de uma hora pra outra, e não foi a partir do movimento que as mulheres começaram a ter mais espaço na mídia, né? Porque muitas outras mulheres vieram antes de nós e tiveram uma participação muito importante pra que a gente chegasse onde a gente chegou. Mas o movimento em si, representando a união de tantas mulheres pelo Brasil inteiro, passou um recado muito forte, que foi exatamente de tipo, ó, eu sei que o que tá acontecendo comigo acontece com milhares de outras mulheres no Brasil, ou centenas de outras mulheres no Brasil, a gente tá junto e a gente não vai

mais permitir que isso aconteça. Então, foi um movimento muito legal e que a gente colhe frutos até hoje, mesmo que o movimento tenha tido apenas um grande acontecimento, que foi aquele manifesto em forma de vídeo que as jornalistas publicaram nas suas contas ao mesmo tempo e também o vídeo foi transmitido nos telões dos principais estádios do Brasil. Então, foi uma mensagem que chegou bem longe e que alcançou muita gente. Então, tenho muito orgulho de ter participado desse movimento.

5- Tu vê um aumento significativo das jornalistas esportivas nas emissoras em que tu já passou?

Eu vejo esse aumento significativo das jornalistas esportivas e é algo que eu sempre faço um paralelo lá de quando eu comecei em 2011 na Rádio Guaíba, a gente não tinha um cenário com mulheres repórteres nas rádios e aí depois a gente viu um movimento de crescimento assim. É muito, muito, muito tímido, deveria ser muito mais, devia ser quase uma política de gestão, infelizmente não é. A gente viu, por exemplo, a Rádio Gaúcha tendo grandes oportunidades de contratar outras mulheres para substituir importantes homens que saíram das suas funções e botou homens brancos, héteros, cis, a ocuparem as mesmas posições que eles já ocupam há milênios, então eu fiquei bem frustrada pessoalmente quando vi que essas oportunidades foram jogadas no lixo, né? Então, vi esse movimento acontecendo de mais mulheres serem contratadas como jornalistas de linha de frente, né? Porque a gente sempre viu mulheres sendo dos bastidores da produção, da edição, mas mulher na linha de frente, na reportagem era algo que era mais tabu e hoje a gente vê que não é tanto como era antes, embora pra mim seja, assim, vergonhosa a quantidade e o esforço que se faz, que é muito pequeno pra terem mulheres hoje na linha de frente de reportagem do Rio Grande do Sul.

7- Recentemente tu revelou ser colorada. O que te fez depois de tantos anos fazer essa revelação?

Eu sempre falei que jornalista, na minha opinião, não deveria revelar o seu time, porque num mundo ideal o teu time não influencia no modo como tu trabalha. E ao longo da minha vida foi exatamente assim, o fato de eu ter torcido pro Inter, de eu ser torcedora do Inter, ter torcido pro Inter na minha infância especialmente, não mudou em rigorosamente nada o meu trabalho, nada. É a mesma coisa, eu sempre brinco, né, de pedir o Big Mac com ou sem picles. O público não quer saber isso, é um gosto pessoal meu, e isso não influencia em nada as informações que eu noticio. Por que o meu time, então, é importante que o público saiba, né? Então eu sempre defendi que

um jornalista não deve dizer o seu time e sigo achando isso. Me referindo a reportagem, né? Como eu larguei a reportagem, não pretendo voltar, não trabalho mais no dia a dia de nenhum clube, para mim não fazia mais sentido dizer que eu torcia para o Cerâmica de Gravataí, que realmente é um clube pelo qual eu torço, torcia bastante, né? Quando ele existia, por ser da cidade onde eu cresci, mas não faz sentido eu esconder, porque eu não preciso mais esconder isso, não tá diretamente ligado ao meu trabalho no dia a dia. Eu gosto muito de futebol e foi o Inter que me ensinou a gostar de futebol. Quando eu era pequena, era minha mãe que me levava no Beira Rio, então tem uma lembrança afetiva muito forte para mim. E morando longe do Rio Grande do Sul, principalmente agora que eu tô em São Paulo, que é uma cidade que tem pouquíssimo a ver com a minha personalidade, eu acabo buscando referências da minha infância. Dos lugares onde eu morei pra pertencer, né, a algo. E quando o Inter vem jogar aqui em São Paulo, é algo que eu gosto de ir no estádio, porque eu sempre gostei de ir ao estádio, né, então reencontrar os meus amigos, ir aos jogos. E não fazia mais sentido eu ir de camiseta branca, por exemplo, pra ninguém me reconhecer como torcedora do Inter. Afinal, não tem mais sentido, né, então eu resolvi sair do armário, porque eu não via mais sentido em manter esta preferência escondida, digamos assim.

E eu só revelei também o time porque eu não pretendo explorar isso comercialmente, não pretendo ser uma influencer colorada. Pra mim, jornalista ainda não é notícia, jornalista noticia e não se torna notícia. Então, não pretendo ser influencer, youtuber, ter canal, ter não sei o que, não pretendo tornar qualquer coisa com relação ao Inter uma profissão, pelo menos agora, não está nos meus planos, não imagino eu fazendo isso em nenhum momento. Então, eu só mostrei que, ó galera, estou indo no estádio com uma camiseta que eu vestia quando eu era criança e foi assim que eu aprendi a gostar de futebol. E acho que isso não faz mal a ninguém.

8- Em julho desse ano (2023), tu cobriu tua primeira Copa do mundo acompanhando as gurias e fazendo um lindo trabalho na competição. Conta um pouco de como foi estar lá, levando em conta que esse é o sonho da maioria dos jornalistas.

A Copa do Mundo na Austrália foi minha primeira cobertura internacional e a primeira cobertura de uma copa feminina, então foi muito significativo pessoalmente para mim, porque o futebol feminino foi uma modalidade que me ajudou muito a me entender como ser humano no mundo, acompanhar a evolução das modalidades, o jeito de pensar das profissionais que lideram esse movimento no futebol feminino no

Brasil, de entender como profissionais mulheres estão inseridas muito diferente dos profissionais homens no mercado de trabalho, foi algo muito transformador para mim, então foi quase um desfecho assim, desse grande processo que foi os últimos anos para mim de descobertas mesmo de feminismo e etc. E como experiência profissional, obviamente é uma realização, porque é onde o jornalista quer estar, né, onde está acontecendo a notícia. Ir para o outro lado do mundo, literalmente, sozinha, é bem assustador, mas no fim das contas foi muito legal, embora o Brasil tenha caído muito cedo da competição, porque a Austrália se tornou um país em que o futebol é o esporte mais praticado por meninas entre os 4 e os 10 anos, então o futebol feminino já é um fenômeno sociocultural na Austrália, e ver esse movimento acontecendo foi algo tão legal quanto ter coberto a Copa no sentido dos jogos, ver esse entorno muito efervescente pro futebol feminino foi algo muito emocionante. Diversas oportunidades eu cheguei em famílias que estavam os pais e uma menina ou um menino ou duas meninas, enfim, e aí perguntava para os pais, né, vieram trazer as crianças no estádio hoje? E aí os pais respondiam não, elas que vieram nos trazer. E as meninas, citando quase todas as jogadoras da Austrália, na ponta da língua, né, dizendo, ah, eu gosto da fulana porque ela zagueira e eu também sou. Então, ver como o futebol participa ou integra a vida tão naturalmente de meninas tão novas foi muito legal. O que a gente vê que no Brasil tem que ser um esforço absurdo, tanto da família, quanto da comunidade, quanto de ter um projeto que apoie iniciativas nesse sentido, né, a gente vê que é muito difícil de ter. Na Austrália é tipo normal, sabe? Foi muito legal ver as meninas falando com uma naturalidade muito grande, assim, de como o futebol está presente na vida delas. Não é mais um tabu, é algo que nasce com elas. Então, pra mim, essa foi a parte mais legal da Copa Feminina.

ENTREVISTA VALÉRIA POSSAMAI

1-Como foi tua experiência ao cobrir a Copa Libertadores Feminina?

Eu vou começar então pela primeira pergunta sobre a minha experiência de cobrir a Copa Libertadores. Primeiro que quando essas situações acontecem, elas enriquecem não só o aspecto profissional, mas também pessoal de ir para outro país, de conhecer uma outra cultura e especialmente naquele momento já que se tratava de uma Copa Libertadores feminina que a gente estava também acompanhando mais de perto pela primeira vez, já que era a estreia também do Inter em uma competição como essa. Então, além de toda a responsabilidade, mas eu estava muito orgulhosa de participar desse momento, de trazer para o Rio Grande do Sul um pouco do feito que as Gurias Coloradas estavam fazendo, não só no aspecto do clube, no futebol

feminino, mas também para o Rio Grande do Sul, já que era a primeira vez que uma equipe gaúcha estava disputando. Então, foi também uma honra e uma responsabilidade muito grande de participar desse momento. Do trabalho. Foi uma cobertura que eu fui a enviar especial, então eu entreguei muito conteúdo para rádio, para site, para jornal, também no podcast, no Resenha das Gurias e também para TV. Eu acho que quando acontece uma cobertura nesse formato, também te desafia muito enquanto profissional para você entregar conteúdo de diversas formas, para diversos veículos. E claro que transmitir uma partida sempre tem um peso e é algo diferente. É uma coisa que te coloca uma outra responsabilidade, porque é diferente, por exemplo, até da minha rotina como produtora, mas também como repórter, que você fica ali descrevendo os lances, acompanhando tudo que está rolando e durante toda essa cobertura eu também vou sair de cidades dentro da Colômbia, você vive a rotina do clube. E então foi tudo muito especial, teve muito trabalho e ao mesmo tempo eu acho que são nessas ocasiões que você também tem a experiência e também é um desafio enquanto profissional de entregar conteúdo em diversas plataformas de diversas formas e isso também é um aspecto que entra nisso e além disso quando a gente sai para uma cobertura internacional tem alguns outros aspectos que às vezes o ouvinte ou quem está nos acompanhando não sabe muitas vezes, mas também tem aqueles desafios que é problema de internet, tem o problema com equipamento, então claro que não é tudo, tudo acontece perfeitamente e eu acho que isso também faz você crescer não só como profissional mas também pessoal, né? Você tem que lidar com as dificuldades, naquele momento eu estava sozinha, então isso também eu acho que me ensinou muita coisa e claro que é uma. Experiência que eu vou levar pro resto da minha vida e de ter também essa honra de trazer tudo que estava acontecendo lá na Colômbia, aqui pro Rio Grande do Sul, no momento que foi histórico, não só pro Inter, mas também pro futebol feminino gaúcho.

2-Quais momentos mais memoráveis na tua carreira até então?

Essa segunda resposta é bem difícil de responder porque eu tenho uma carreira que é curta em comparação às grandes referências do jornalismo e até mesmo em relação aos meus colegas. Mas eu vivi muita coisa nesse curto período e eu comecei em termos de veículo de comunicação na rádio do jornal, onde eu tive uma base que foi muito importante, onde eu ganhei confiança a partir das pessoas que trabalhavam comigo, sendo produtora, sendo repórter. Eu participei especialmente da cobertura da Copa do Brasil de 2019, onde me deu uma base muito importante em termos de reportagem, não só como repórter de torcida, mas também

repórter de acompanhamento dos clubes. Nesse campeonato gaúcho feminino, que foi um momento muito importante, que eu guardo com muito carinho. Essa experiência. Depois, trabalhando já na Rádio Gaúcha, eu tenho essas coberturas com futebol feminino. No ano passado, eu fiz dois jogos em São Paulo e entre eles eu tive essa experiência de ser repórter de goleira, como a gente fala aqui no Rio Grande do Sul, que nada mais é que ser a repórter de campo, de descrever os lances, né, acompanhar tudo que está acontecendo. Afinal do ano, eu tenho essas memórias porque eu sempre gosto de destacar isso. A gente fala de um clube específico, mas também o estado ganha como um todo e acompanhar o público no Beira Rio no primeiro jogo contra o Corinthians, depois também a grande decisão em São Paulo, na Neo Química Arena. Nesse ano, eu tive a oportunidade de acompanhar a seleção brasileira feminina pela primeira vez em Loco. Era a despedida da seleção aqui do Brasil antes do embarque para a Copa do Mundo da Austrália e da Nova Zelândia. Oportunidade de entrevistar a Marta, que também é uma memória, uma experiência que é muito importante e eu acho que além de toda essa cobertura da transmissão mesmo do jogo contra o Chile, mas algo que foi muito bacana, a gente transmitiu ao vivo na rádio gaúcha da pista do aeroporto de Brasília, a decolagem da delegação indo rumo à Copa do Mundo, então isso foi muito bacana e são diversas coberturas em relação ao futebol feminino como repórter e eu tenho crescido muito em relação a isso, assim, de acompanhar o feminino e acompanhar não só a evolução da modalidade, mas ao mesmo tempo o meu crescimento profissional, eu tenho crescido também muito e aprendendo muito nessas coberturas e claro que tem também o trabalho como produtora de muitas vezes acompanhar grandes momentos, no final do ano passado, no início desse ano, eu estava na produção quando houve a morte do Pelé e foi. Algo muito marcante, porque a gente estava falando de um ídolo, todos sabem o quanto que o Pelé representava e ainda representa para o futebol, então, também foi um momento que foi importante, mas eu diria que os momentos memoráveis, eles também estão ligados no dia a dia, de muitas vezes a gente se superar num momento que é difícil, é claro que as grandes coberturas, os grandes momentos, eles sempre são lembrados, mas eu acho que o dia a dia também de você aprender, de você lidar com uma situação que é muito complicada ou de um programa que está muito difícil de fechar, eu acho que isso também acaba fazendo parte de uma superação e que também fica nesses momentos, nessas experiências que são memoráveis e também tem esses dois lados.

3-Como tu vê a representatividade das mulheres no jornalismo esportivo hoje?

Eu acho que a representatividade também acompanha muito e eu gosto de fazer esse paralelo em relação ao crescimento do futebol feminino. Eu falo de uma forma particular porque eu cresci muito na minha carreira profissional acompanhando e transmitindo o futebol feminino. Então o espaço que eu tenho também como repórter, ele passou especialmente pelo protagonismo da dupla-grenal nas competições, agora recentemente com o Inter numa Copa Libertadores. Então isso é muito bacana. Mas ao mesmo tempo, isso também não ingessa a questão da cobertura do futebol feminino que apenas mulheres precisam acompanhar o futebol feminino. Então eu acho que também tem esse ponto e a gente acompanha outras mídias, canais alternativos que fazem essa cobertura, esse acompanhamento. Não somos apenas mulheres que estamos na cobertura do futebol feminino. Claro que há uma frente que é puxada, e na empresa que eu trabalho é exatamente isso, mas quando nós fizemos coberturas há homens também trabalhando na cobertura do futebol feminino e eu acho que isso é muito importante, mas só para não perder o foco da pergunta, eu vejo a representatividade crescendo cada vez mais, porque a gente olha para o passado em que as mulheres lutaram muito para conquistar não só o posicionamento e o direito de praticar o futebol, de estar presente também nas empresas de comunicação falando de futebol. Eu acho que é uma representatividade que ela cresceu muito, que ela ainda pode e deve crescer cada vez mais, mas hoje a gente acompanha mulheres debatendo futebol, analisando a arbitragem, comentando, reportando, então eu acho que isso é extremamente representativo. E eu me sinto muito feliz também por hoje ser uma mulher que trabalha no meio esportivo, que trabalha com o futebol. Eu falo muito sobre o futebol feminino, mas eu também já estou inserida na cobertura do futebol, do esporte em geral. E eu acho que isso é muito importante e diversas vezes eu já ouvi de pessoas, de ouvintes, que é muito bom também ter uma mulher acompanhando tudo isso, de ter mais uma voz mesmo, debatendo, trazendo sua visão. Então acho que isso é muito importante. E claro que a gente acompanha, especialmente nas redes sociais, de alguma forma também ainda há um preconceito em relação às mulheres no meio do futebol, mas eu acho que todas que já trilharam esse caminho de não deixar a peteca cair, de não desistir naquele momento, de lutar pelo espaço, eu acho que essa continuidade está acontecendo e eu só torço e quero muito participar disso para que esses espaços. Cresçam ainda

mais e que a mulher possa ter um maior protagonismo, não só dentro do campo, mas também como fora das quatro linhas.